

43543

ANA de CASTRO OSORIO

OS NOSSOS AMIGOS



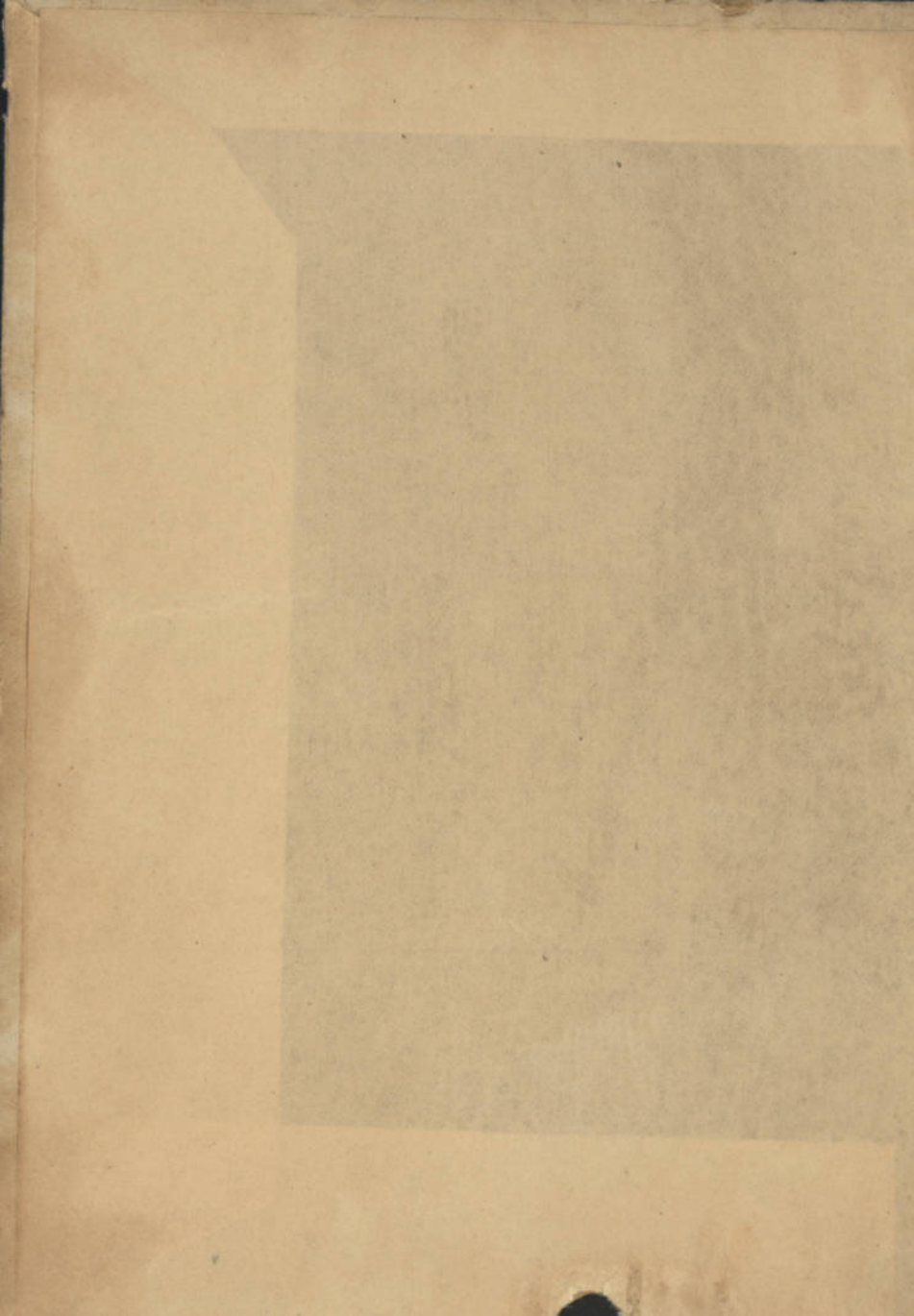
LIVRO de LEITURA
APROVADO OFICIALMENTE
PARA A 3.^a CLASSE

LUSITANIA EDITORA LIMITADA

R. Arco do Limocreiro, 17-1.^o

LISBOA

43



U₂
13548

GEORGE BASSON 1885



OS NOSSOS AMIGOS

Reservados os direitos

LUSITANIA EDITORA, LIMITADA
Arco do Limoeiro, 17, 1.º
LISBOA

21 Abril 1922
ANA DE CASTRO OSORIO

40
13543 N.º *22383*

Os nossos

Amigos

2570
53
Mago 1922

Livro de leitura para a 3.ª classe
da Escola Primaria, aprovado oficialmente



4.ª Edição revista e completada

1922

A primeira edição desta obra, fazendo parte do livro "**A BOA MÃE**" foi aprovada oficialmente em Portugal para premios escolares no concurso de 1908. A segunda e a terceira edição foram aprovadas e adoptadas nas escolas de S. Paulo e Minas Geraes para leituras correntes e lições de coisas. A presente edição foi apresentada ao concurso aberto pela Direcção Geral do Ensino Normal e Primario em 7 de Abril de 1920 e aprovada para a 3.^a classe das Escolas Primarias portuguezas em 30 de Janeiro de 1922



O susto de Rosita

I

Só, no meio do caminho, a Rosita chorava perdidamente.

Para as bandas do sul o céu tornara-se dum cinzento côr de chumbo, que a apavorava.

Pelo espaço, nuvens negras como farrapos de crepe, vinham galopando, impelidas pelo vento, e acastelavam-se ameaçadoramente, escurecendo cada vez mais o horizonte.

De quando em quando, lá onde o escuro era maior, abria-se de repente um rasgão de luz e uma fâsca serpenteava, afogueando o espaço.

Passados segundos, o trovão estrondeava de maneira que a propria terra parecia estremecer. Dir-se-hia que pela abóbada celeste rolavam desatinadamente pesadas carroças e uma forte artilharia descarregava as suas metralhas.

Rosita, a cada relâmpago, abria os olhos, apavorada e ao mesmo tempo fascinada pelo deslumbrante espectáculo. Mas, quando ribombava o trovão, é que toda ela estremecia de susto e, tapando com as suas mãosinhas gorduchas o seu bonito rosto moreno, fechava os olhos negros que lagrimejavam, e clamava:

— Mamã, Mamã!... Papá, Maria, José, Manuel... — Emfim, de todas as pessoas de casa, irmãos, criadas e amigos, de todos se lembrava na sua tremenda aflição.

Ah! que desolada estava! Perdida, sòsinha no meio do campo onde se não via viva alma, como o seu coraçãozinho angustiado parecia querer saltar-lhe do peito!

Pela ramaria das árvores passava um bafo quente que fazia tremer as folhas, emurchecidas e pendentés sob o peso doloroso dessa atmosfera de tempestade.

As aves passavam junto à terra em largos vôos, assustadas, piando aflitas; outras recolhiam-



se aos ninhos, como quem em casa espera, num silêncio espavorido, que passem as tristezas e os desastres.

As próprias ervas e cearas verdes curvavam-se, como que atemorizadas, deixando passar sem protesto esse vento morno, carregado de electricidade.

A Rosita, com o regaço cheio de flores que tinha apanhado pelo campo, sentou-se, chorando, debaixo dum grande castanheiro, que à beira do caminho alargava a sombra protectora de modo que acolheria sem custo um rebanho completo, com o seu pastor e o seu cão.

A boa árvore parecia sorrir do desgosto da Rosita, toda rumorosa e palpitante com a chilreada dos pássaros nos ninhos, que abrigava nos seus múltiplos ramos enverdecidos de novo com a vinda da primavera, tal como uma cidade abriga nos seus limites a multidão ruidosa e variada dos seus habitantes.

Era um mundo em miniatura, a boa, a generosa árvore.

Mas à Rosita nada a distraía do seu grande susto. A trovoada aproximava-se, trazida pelo impertinente ventinho que soprava de quando em quando, fazendo vergar as árvorezitas no-

vas e roçar pelo chão os pequenos arbustos que espalhavam em volta as pétalas delicadas das suas várias flores.

Os trovões eram cada vez mais fortes, e do céu todo escuro já tombavam, de vez em quando, grossos pingos de água.

A cada novo relâmpago, a Rosita apressava-se a tapar os ouvidos, de antemão assustada com o barulho.

E ninguém a vinha buscar, ninguém sequer suspeitava da sua desdita!

Como poderia ter imaginado de manhã — quando saíra da quinta, saltando o pequeno muro atrás dos irmãos e seguida pelo "Mondego", o seu favorito companheiro — como poderia ter imaginado uma tal desventura?

Sentia-se abandonada, e intimamente acusava os irmãos de a terem deixado ali, a pretexto de que a caminhada era longa até ao Casal do tio Fedro, onde o pai os mandara, quando viram que o céu começava a encher-se de nuvens que prognosticavam trovoada para a tarde e apertaram o passo para lhe escaparem.

E ela, em vez de voltar logo direitinha para casa, entretivera-se a correr dum lado para o outro, com o "Mondego", a seguir o vôo li-

geiro das borboletas, a lambusar-se com as amoras negrinhas e cheias que a tentavam das sebes. E assim, correndo e brincando, como a imprudente "Menina do chapéu vermelho", de que já lera a história, fôra colhendo uma abada de flores para levar para casa. Nem que ela não tivesse tantas flores na quinta?! . . . — a ambiciosa e imprudente! . . .

Depois, quando os primeiros trovões a surpreenderam, achava-se sósinha, é claro, junto do velho castanheiro, que no caminho das Partilhas bracejava e mostrava o seu tronco lurado de velho gigante.

Longe, tão longe ainda da casa e de toda a família! Abandonada até pelo "Mondego", que já não via ao pé de si!

Para onde teria ido, o ingrato? Naturalmente, muito surrateiro, fôra meter-se na sua casinha de madeira e adormecera com o focinho entre as patas como costumava, para não ouvir os trovões.



E deixara-a ali isolada e cheia de medo!

— Ah! como todos eram maus para ela! —
pensava entre soluços a pequena Rosita.

— Até o "Mondego" a abandonara!

Era o que mais a magoava no meio da sua
desgraça, pois da segura amizade do bondoso
animal é que não duvidara nunca.





II

Enquanto chorava como uma louquinha tapando a cabeça com as mãos para não ver nem ouvir o perigo, sentiu um bafo quente de animal que a farejava e umas patas pesadas sobre o regaço; dum salto levantou-se, meio morta de susto, sem se lembrar sequer do "Mondego", que a olhava surpreendido, como que a perguntar-lhe:

— Que querem dizer tantas lágrimas e tanto pavor? Não sabias que me tinhas por teu guarda?...

Logo a seguir viu Rosita, com júbilo, o seu papá! Era êle, sem dúvida nenhuma, o seu papá em corpo e alma, que a vinha procurar, que a vinha salvar.

Dum pulo achou-se-lhe nos braços.

Ainda lacrimosa, mas já sorrisonha, nem se lembrava sequer de que a trovoada pairava iminente sôbre as suas cabeças e não tardaria a aproximar-se ainda mais, terrivelmente atoadora.

— Vem depressa, Rosinha! — disse o pai, sem lhe dar tempo a grandes demonstrações — vamos depressa abrigar-nos na casa da nora, que a chuva não tarda aí com fôrça.

— Papá, metemo-nos aqui na toca do castanheiro. Por mais chuva que venha, não nos molhamos...

— Não nos molharemos, não, mas correremos um grande perigo.

E, levando-a para baixo do telhado da nora, ao tempo que a chuva desatava a cair como



deitada a cântaros, em grossas cordas de água, que tudo levava e encharcava, acrescentou: — É perigoso estar debaixo das árvores, quando há trovoadas.

— Porquê, papá?

— Porque as árvores são muito boas condutoras da electricidade e, quanto mais altas são, mais naturalmente se tornam em para-raios, chamando a si as faíscas, que muitas vezes as fulminam, vitimando, é claro, quem debaixo delas se abriga. Parece que a alguns animais o instinto os adverte dêste perigo, porque no meio das mais violentas tempestades, debaixo da chuva e do granizo, nunca procuram as árvores para abrigo. Até já li numa interessante "Viagem ao país dos elefantes", quer dizer à India, que estes inteligentísimos animais, numa certa região, deixaram de procurar as árvores durante as tempestades, só porque tinham visto um dos seus irmãos, que fizera o que tu fizeste, morrer fulminado pelo raio. Não só as árvores, mas todas as coisas que se elevam, ficando mais perto das nuvens, como, por exemplo, as torres e campanários das igrejas, são muitas vezes atingidas pelo raio.

Quando a violência da tempestade passou

com a chuva e o tempo estiou, puzeram-se a caminho de casa, onde a mamã de Rosita já devia estar em cuidado.

Muito alegre, pela mão do pai, dizia a pequena, já refeita do susto:

— Ó papá, que medo eu tive!

— Assustaste-te, porque és uma louquinha; pois em lugar de

te apressares e recolheres a casa antes da trovoadade se aproximar, pois que tanto se fez anunciar, deixaste-te ficar para aí como uma inconsciente. Sem pensares no perigo real que estavas correndo abrigada debaixo duma árvore, tremias por um perigo incerto e futuro. Vê tu como o "Mondego" é mais previdente e razoável do que tu, e como êle sabe guiar os seus passos sem precipitações e com todo o discernimento!

Ouvindo falar no seu nome, o cão, que ia na frente, voltou a cabeça e arrebitou as orelhas, continuando para diante ao ver que não queriam utilizar os seus serviços.



— Ah! ele foi mau, deixou-me sósinha, fez como os manos...

— Não há tal: o "Mondego" foi muito mais inteligente do que tu; porque, enquanto ali ficavas como uma tontinha a chorar, êle, que é uma criatura que o instinto determina, foi-me chamar, por compreender que te podia servir melhor assim do que estando ao teu lado a ganir. E os manos tambem andaram muito bem. Mandando-te para casa, fizeram o que deviam, pois daqui ao Casal é longe bastante — e sabe Deus se terão lá chegado antes da trovoadal... — Foram prévidentes e teus amigos; tu é que os não comprehendeste nem subesteste aproveitar o seu conselho. O "Mondego" tambem te não abandonou por desprezar a tua dôr, não! Foi para te proteger e reclamar o socorro que tu pedias com lágrimas, em vez de por tua propria iniciativa te livrares deste pequeno embaraço.

— Mas então que fez êle por mim?

— Foi-me chamar a casa e dizer a aflição em que tu estavas.

— Quem? O "Mondego"?!. . .



— Pois é claro.

— Isso não pode ser, porque êle é um cão e os cães não falam.

— Nisso é que tu te enganas, porque tudo no mundo fala para quem sabe entender a linguagem das coisas e a dos animais.

— E o papá sabe essa linguagem?

— Certamente que sei.

— Quem lha ensinou?

— Duas grandes mestras que nós todos temos às nossas ordens e que bem poucas vezes escutam por falta de compreensão.

— Como se chamam essas mestras, papá?

— Observação e Experiência, duas professoras muito certas, que tu ainda não conheces...

— E não as posso conhecer? Não lhes posso dizer que me ensinem?

— Podes e deves conhecê-las. E, se tiveres juízo, depressa aprenderás as suas lições.

— Mas então, que é que o Mondego lhe disse de mim? Eu não acredito que ele fale, é brincadeira do papá.

— Primeiro foi a trovada que, ennegrecendo o céu e avizinhandose de nós, me preveniu de que teus irmãos não teriam deixado

que os acompanhasses ao Casal. E saí até ao fim da quinta, a ver se te via voltar. Como não te encontrei, já um pouco desanimado, saltei o muro para chegar ao pinhal e procurar ver-te do cimo do penedo; mas nisto chega ao pé de mim o "Mondego" e diz-me: — Venha, patrão, venha depressa, que a Rosita está muito apoquentada e cheia de medo. . .

— Mas como é que êle lhe podia dizer isso, se não sabe falar?! . . . Ora essa!

— Disso-me muito bem pela sua aflição, a sua ansiedade, o seu cansaço, a ganir e a ladrar, e pela sua maneira de me indicar o caminho, ora indo para diante, ora olhando para traz, a ver se eu o seguia. . .

— E o papá percebeu que eu estava sózinha a chorar?

— Perfeitamente; porque sei que és ainda uma pequenina ignorante que não sabe ver o perigo e encará-lo com serenidade, sem sustos desarrazoados. Quando cheguei ao pé de ti, corrias um verdadeiro risco, e no entanto, vê bem, a trovoada não é mais do que a electricidade negativa e positiva de que as nuvens e a terra se carregam e que, chocando-se, produz

a faísca. O ruído do choque é o que chamamos trovão.

— Mas o trovão é Nosso Senhor a ralar — não é verdade, papá? A nossa cozinheira diz que é.

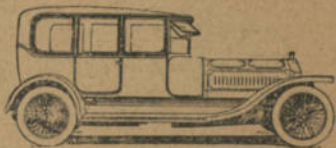


— Não, minha filha, isso são contos do povo ignorante que ainda hoje, como há centenas de anos, vive na treva duma cerrada ignorância e no pavôr do desconhecido. A electricidade, minha filha, é a coisa mais natural do

mundo. É uma força espontânea da natureza e que aos nossos olhos se mostra violentamente nas tempestades, que apavoram quasi toda a gente, o que não quer dizer que não exista em tudo quanto nos rodeia e em nós mesmos. Por muitos milhares de séculos o homem observou esses fenómenos, sofreu-lhes as conseqüências, mas não os compreendeu nem sequer pensou em utilizá-los, aterrado, como tu, na sua grande ignorância. Mas a pouco e pouco foi observando melhor, compreendendo o que via, tirando provas, para as suas investigações, de pequenos factos, na aparência sem importância. E por fim, seguindo sempre, mas de vagar, como a criança ou doente que tenteia o caminho, de experiência em experiência, de descoberta em descoberta, o homem apoderou-se do segredo da natureza e daquilo que tanto terror lhe causava, fez uma prodigiosa força dócil ás suas ordens de senhor. Assim, com essa força electrica, que o homem produz e disciplina à sua vontade, temos o telégrafo e o telefone, invenções maravilhosas que aproximam instantaneamente pessoas muito afastadas e ligam todos os continentes e mares, tornando os homens uma só familia.

“A electricidade é já hoje escrava submissa do homem, que para tudo a utiliza, desde o fogão em que se cozinha até ao carro em que se percorrem rapidamente as maiores distâncias, ou seja os que chamamos simplesmente “electricos” ou os proprios automoveis, que vão por toda a parte e tão uteis são!

— Nos fios dos carros electricos vi, muitas vezes, quando estive em Lisboa, faíscas como relâmpagos. Que era, papázinho?



— Realmente eram pequeninos relâmpagos, raios inofensivos pela sua fraqueza mas produzidos exactamente pelas mesmas causas que produzem as trovoadas. O que determina aquelas pequenas faíscas não é mais do que a corrente da electricidade que, interrompida um instante, ao retomar o seu curso, produz aquelas pequeninas chamas e um leve estalido que, se fosse maior, seria o trovão, como os que te causavam tanto susto ha pouco...

— Ai! meu Deus, cada vez que ouvia aquele barulho até ficava com o coração parado!...

—E, no entanto, tapando os ouvidos para não

ouvires o trovão e abrindo os olhos para veres a luz dos relâmpagos, tu andavas como uma verdadeira tonta, pois o perigo não está no estampido e sim no relâmpago, que é o raio.

— Então o trovão não é que tem perigo?

— Não; pelo contrário, minha patetinha. O perigo é só causado pelo relâmpago, de que pode desprender-se uma scintilha, como que um estilhaço, e cair sobre a terra em forma de raio. O trovão não é mais que o ruído produzido no ar pelo choque das duas electricidades. E, como a luz anda mais depressa de que o som, vemos primeiro o relâmpago do que sentimos o trovão. Quando o estampido do trovão segue de perto o clarão do relâmpago, é preciso ter cautela, porque é sinal de que está a trovoada muito pertinho, sobre nós, como se costuma dizer. Se ouvimos o trovão ao longe e demorando algum tempo entre o relâmpago e o seu ruído, poderemos então estar sossegados; mas observando sempre, não venha a trovoada para o nosso lado ou não venha outra por outro lado, como ás vezes succede.

— Mas então sempre a trovoada é um grande perigo, papá?!...

— Mas quem te diz o contrario? O que eu

te digo é que é preciso conhecê-lo e sabê-lo evitar sem loucos e inúteis terrores.

— E pode-se evitar o perigo?

— De certa maneira pode, as casas e os monumentos já hoje são protegidos eficazmente pelo pára-raios, invenção admirável de um sábio chamado Franklin. Nós podemos em parte fugir ao perigo, escutando, como te disse, as vozes da natureza e tirando das suas lições a experiência que nos faz prudentes sem ser fracos.

— E' uma coisa que desejo aprender...





III

A tarde aclarara e o sol brilhava duma maneira mais pura e bela, dando a toda a natureza um encanto novo na folhagem lavada das arvores, nas ervinhas mais viçosas e tenras e nas flôres ainda orvalhadas, tendo em cada pétala um brilhante de mil côres, feito do reflexo do sol nas gotas de água conservadas na corola.

Rosita, ao chegar a casa, correu de braços abertos para a mãe, que a esperava já com certo receio, e disse-lhe:

— Agora já sei o que é a trovoada, já não terei mais o medo que tive hoje! . . .

— Mas é preciso sabê-la respeitar, como a tudo quanto existe, e evitar o seu perigo.

— O que é preciso, já sei, é saber ouvir as vozes da natureza, não é?

— Exactamente.

— Pois vou estudar essa linguagem... com o papá!

— E' melhor estudares contigo propria, porque estas coisas só se aprendem bem, quando estudadas em nós e pela nossa experiêcia.

— Vou aprender com o "Mondego" — disse a pequena, rindo para o cão, que andava numa grande alegria a farejar uns e outros e como que mostrando, bem á evidência, o papel importante que tinha desempenhado essa tarde.

— Olha lá, "Mondego", tu queres ser meu professor?...

— Ri-te, que ele conta a história dos teus sustos e das tuas lagrimas...

— Ah! não! não me rio dêle, coitadinho! E' muito bom, muito inteligente e sabio! Hei de pedir-lhe as lições...

— E ás abelhas, ás formigas, ás aranhas...

— Aos passarinhos tambem posso pedir lições?

— Tambem. E ás núvens do céu, ás plantas...

— E ao meu gato "Maltez"?!...



ABELHA (AUMENTADA)

— A todos os animais, que todos sentem a tempestade que se aproxima e quasi todos dela dão sinais certos.

— Ai! que bonitos, que bons professores que vou ter!...

E a Rosita, muito satisfeita, desatou a dançar, seguida pelo "Mondego", tambem muito alegre, de tão alegre a ver, e pelo seu companheiro "Maltez", vivendo todos em boa camaradagem.





Livros

Não só na Escola se aprende
Com segurança e clareza;
Feliz de quem lê, e entende,
O grande livro que estende

A Natureza.

Acostumai-vos a olhá-la
Com claros olhos de vêr;
Habituai-vos a escutá-la
Na sua calada fala,

Sábio dizer.



A Humanidade, vivendo
Séc'los de dôr e alegrias,
Quantas *lições* vem *sofrendo*
(E nem sempre recolhendo !)

Todos os dias.

Se muitos males padece,
Ainda, em tôrva inclemência,
È porque depressa esquece
O que esse outro livro oferece:

O da Experiência.





Após o temporal, a bonança

Ao anoitecer, as àvezinhas recolhem aos seus ninhos quentes e fofos. Os pais chamam os filhos à pressa e, todos aconchegadinhos e agasalhados, vão descansar das fadigas dum longo dia de trabalho.

Depressa! O frio da noite pode fazer mal aos pequeninos implumes. Os pais cobrem-nos com as suas asas.

A primavera já viera, havia bastante tempo, alegrar a passarada e matizar de oiro, de prata e púrpura os campos verdes. As árvores cobriam-se de flores, que são a promessa das fartas colheitas, e a brisa trazia os perfumes sua-

ves dos laranjais cheios de fruto e já floridos para o futuro ano.

Mas nessa noite o vento rugia terrível e as pobres arvorezinhas, sacudidas com violência, espalhavam pelo chão muitas das suas flores desfeitas. Algumas chegaram a vergar até ao solo, e outras, fustigadas com força, foram arrancadas sem piedade.

As casas tremiam e as portas e janelas quasi se abriam, empurradas pelo tufão.

O céu, todo negro, despenhava chuva em torrentes. Os ribeiros fizeram-se rios, e os rios engrossaram e transbordaram.

No mar, quanta aflição e quantos sustos sobre as ondas encapeladas onde baloiçavam as frágeis embarcações dos pescadores!

Nos seus ninhos os pássaros piavam aflitos. A água inundava-os e cegava-os, o vento enregelava-os, a escuridão afligia-os. Noite de tristeza e de pânico!





H. H. H.

*
* *
*

Mas a manhã chega, enfim! O céu vai-se aclareando no oriente. O vento abranda um pouco a sua fúria; as nuvens afastam-se rapidamente, arrebatadas por êle; o sol mostra-se sereno e brilhante, espalhando alegria e paz.



O mar já está calmo, reflectindo nas suas águas o azul puro do céu sem manchas.

Os passaritos, chilreando contentes, já esquecidos do mal que os atormentou, vôam ligeiros para o seu útil trabalho. Lá vão aos ban-

dos, ou a um e um, para a sua faina de procurar alimento para os filhos e para si, livrandonos a nós e às plantas, de inúmeros insectos nocivos.

Esquecidos das agonias da noite, sentem-se felizes no meio da natureza pacificada.

Após o temporal a bonança.

Resistir com paciência e coragem ao mau tempo e ter confiança em que o bom o ha de seguir de perto, é o que nos ensina a sábia Natureza.





Julinha enfeitada,
Toda entusiasmada,
Co'o pé já na escada
Disposta a sair,
Vê o tempo inclemente
Mudar de repente...
E a chuva imprudente
Começa a cair.

O céu consultando
O céu vai olhando,
A vêr se estiando
O tempo melhora...
Com pouca esperança
Que venha a bonança,
A pobre criança
Amua-se e chora.

De facto a alegria
Do sol nêsse dia
(P'ra sua arrelia)
Teimoso não volta;
Por fim, coitadita,
Cansada dormita,
De tanta desdita,
De tanta revolta.

Na outra manhã
Doirada e louçã,
Acorda-a a Mamã
Num grande alvorôço:
— Vem vêr este enleio
“P'ro nosso recreio...
“Que belo passeio
“P'ra antes do almôço!

"A luz é mais pura
"E há outra frescura . . .
"E há tanta doçura
"Que até nos parece
"Que, reverdecida,
"A Terra, vestida
"De galas, rendida,
"Sorrindo agradece."

Sentindo-se fliz,
Louvores só diz
Julinha, e bendiz
A chuva inclemente
Que tudo limpava,
E as plantas lavava,
E o ar melhorava,
Assim providente.

Paulino de Oliveira





O Morcego

Nossos amigos são todos quantos nos fazem bem, consciente ou inconscientemente, e todos aqueles que, existindo, concorrem para a harmonia e para o encanto dêste mundo, onde devemos fazer o possível por viver alegres e em serena paz.

Falemos, pois, dum dos nossos amigos, dos mais humildes, mas não dos menos úteis, o morcego.

— Ih! que bichos tão feios!

— Feios?! Não há nada completamente feio. Só é feio o que é mau, e o morcego é bom. Estes pequenos mamíferos — pois os morcegos pertencem á classe dos animais chamados assim, porque alimentam e criam os filhos com

o próprio leite — teem uma vista muito apurada e um olfacto finíssimo, de modo que de noite, voando em tórno às habitações, livram-nos de inúmeros insectos que nos são prejudiciais á saúde e dos quais êles se alimentam. Limpam o ar e protegem dêste modo as plantas contra a



devastadora invasão dessa bicharada nociva. De dia as boas andorinhas — que só á sua parte comem, diariamente, mais de seis mil insectos cada uma — assim como outros passarinhos, protegem-nos bem, mas ao anoitecer as aves recolhem aos ninhos e ficam os guardas nocturnos, entre os quais se distingue, pela sua habilidade, o morcego.

Uma brincadeira muito usada entre as crianças e que não deve continuar, porque só faz prejuízo, é aquela de ir para as janelas e, agitando varas a que atam panos brancos, gritarem aos pobres morcegos atarantados com a luz, com os gritos e com o rodopiar do pano: — Morcego, morcego, vem á cana que tem sêbo!...

Os pobres, desnorteados, são assim atraídos e mortos.

Quem conhece verdadeiramente, e sabe distinguir os seus amigos dos inimigos, nunca fará tal coisa, maltratando pobres animais que nos são úteis e cujo único defeito é serem feios à vista.





OS CÃES

— Outro amigo que não devemos esquecer é o cão.

— Ah! sim, o cão! O nosso grande amigo!

— Tem sido sempre o nosso guarda mais fiel. Foi o primeiro animal que, na sua rudeza primitiva, o homem habitante das cavernas pôde domesticar. Desde esse tempo tem sido seu companheiro e auxiliar na caça. Foi depois a guarda dos seus rebanhos, quando, chegado ao estado pastoril, não tinha para se defender nem defender das feras bravias os animais já domesticados, senão o seu mastim e o nodoso

cajado feito de uma haste de árvore robusta.

— Ainda hoje é o companheiro do pastor e o auxiliar do caçador.

— É certo. Hoje, como sempre, o cão é o mais fiel companheiro do homem e o seu auxiliar, muitas vezes. Além de o ajudar a caçar não só as tímidas lebres, coelhos e outras espécies de caça que é costume servirem para alimentação, também o ajuda na caça ao lobo, raposa, urso, javali e outros animais selvagens e ferozes.



— Há algumas raças de cães que merecem muita simpatia pelos serviços prestados aos infelizes: por exemplo, os cães do Monte São Bernardo (nos Alpes), que procuram pelo faro os pobres viajantes perdidos e enterrados na neve. Quando encontram um desgraçado que a ne-

vada surpreendeu no caminho e que, desorientado e sem ânimo, se deixa vencer, caíndo e enterrando-se na neve que a pouco e pouco o



irá enregelando e asfixiando, até o levar à morte lenta e fatal, os cães começam por afastar com os pés a neve que o cobre e, ladrando e ganindo, vão chamando para êle o auxilio dos homens, conse-

guindo muitas vezes salvar-lhe a vida.

Estes cães são amestrados propositadamente para tal fim e até é costume porem-lhe ao pescoço um frasco com qualquer cordial que serve para reanimar os infelizes encontrados sem alento e que sem o auxilio destes bons animais perderiam ingloriamente a vida.

«Outra raça tambem muito útil é a dos cães da Terra-Nova, que se lançam à água, logo que vêem algum homem em



perigo de se afogar. Não poucos dêesses humildes trabalhadores que todos os anos vão do nosso país e doutros países da Europa àquelas regiões, pescar bacalhau, teem sido salvos duma terrível e fatal morte pelos bons animais.

— Eu nunca fui à Terra Nova, e já vi muitos dêesses cães...

— Sim, são da mesma raça, mas foram trazidos para a sociedade civilizada e nela também prestam os seus bons serviços. Tornando-se alguns simplesmente os companheiros e ami-



gos dos donos sem outras obrigações e deveres especiais. O mesmo sucede aos de São Bernardo e outros... Durante a última grande guerra, a maior que tem havido no mundo, os

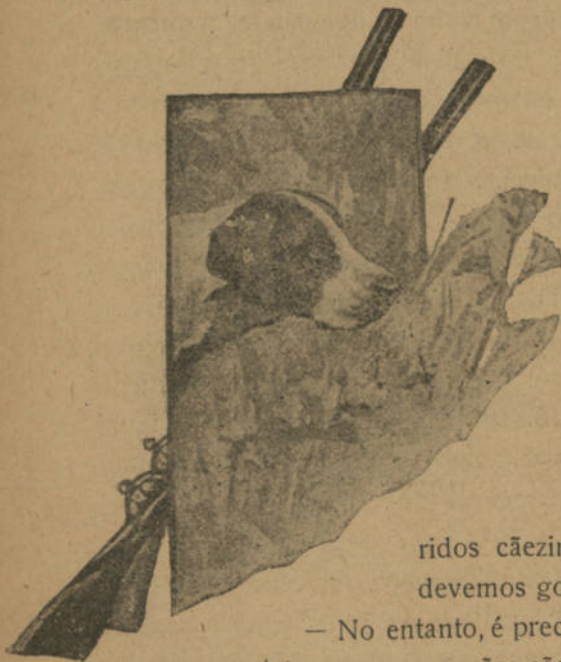
cães prestaram grandes serviços aos soldados e ajudaram muito os que procuravam e levantavam os feridos. A história da guerra está cheia de comoventes episódios em que os cães são também heróis. Há cães soldados, há cães policiais, há cães que auxiliam os pobres vendedores ambulantes, que guiam os cegos, que guardam e protegem os donos e há também cães

cuja vida só é útil pelo carinho que os donos lhes teem. Emfim, a vida do cão está profundamente ligada à do homem.

— Que-

ridos cãezinhos, como devemos gostar dêles!

— No entanto, é preciso ter cautela, porque os cães são sujeitos á raiva, êsse terrível mal que podem trasnmitir ao



homem e lhe causa a mais horrorosa das mortes. Hoje, graças a um sabio francês (Pasteur), existe maneira de se salvar muito doente da raiva (ou hidrofobia); mas, apesar disso, é ainda um tremendo mal que devemos fazer o possível por evitar.

— Mas os cães bem tratados pelos donos não se danam . . .

— Não tanto como os que não teem quem os agasalhe e trate bem, e passam frios, fomes e sêdes; no entanto, tambem êsses às vezes acontece danarem-se, tornando-se um perigo bem real e temível. Além disso, os cães estão tambem muito sujeitos a contrair a tuberculose ou tísica, porque farejam, cheiram e até lambem muitas sujidades das ruas, e assim apanham o micróbio dessa tremenda moléstia contagiosa. Quando um cão está tuberculoso, facilmente pega ao homem o mal, que dêle, talvez, tenha grangeado. E quem diz a tuberculose, diz muitas outras doenças que assim nos podem ser transmitidas inconscientemente. Por isso, se devemos ser muito amigos dos cães pelos benefícios e serviços que desde os tempos mais remotos nos teem prestado; se devemos dar-lhes alimento e carinho, mostrando que reconhece-

mos quanto são bons, inteligentes e fiéis e quanto as suas qualidades nos agradam; não devemos, todavia, exagerar êsses carinhos, chegando a beijá-los, a deitá-los nas nossas camas, e a fazê-los viver da nossa vida, como usam fazer certas pessoas pouco escrupulosas. Tudo deve ter os seus termos e conservar o seu lugar; pois tais exagêros, nada aproveitando aos animais, tornam-nos ridículos e só podem trazer-nos prejuízos.





O cão e o coelho

*Certo podengo famoso
Veloz coelho seguia,
A pular e dando voltas
Tais palavras lhe dizia :*

— « Cruel, porque me persegues?
« Ganhas nisso algum prazer?
« Corres, cansas-te, e por fim
« Teu dono me há de comer

«*Por quem és, deixa-me a vida;*
«*Não ostentes crueldade. . .*»
O cão estas vezes solta,
Sem vislumbre de piedade:

— «*Dar-te a vida, que loucura!*
«*Para dizeres no fim*
«*Que és mais leve do que eu*
«*E que zombaste de mim!?*

«*Anda, cuida em defender-te,*
«*Quando não meu rijo dente*
«*Te mostrará que mereço*
«*O bom nome de valente.»*

Então mais rápido corre,
E na fúria que levava,
O valente quási, quási,
O coelho abocanhava. . .

*Quando um caçador novato,
Homem falto de conselho,
Dispara o duro arcabuz,
Mata o cão, erra o coelho.*

*Isto de exemplo nos sirva :
Fazer bem sempre devemos,
Pois qu'rendo perder os outros
A nós mesmos nos perdemos.*





— Outro nosso amigo, e dos mais úteis, é a árvore.

— O quê, uma árvore?! Então uma árvore também é nossa amiga?

— Por certo! Não só uma, mas todas as árvores são nossas amigas, e das mais prestimosas. Pois disse: donde tirais os melhores e mais variados frutos?

— Das árvores, sim! As laranjas, as maçãs, as pêras, as cerejas, os figos, as bananas, as ameixas...

— E muitas mais, muitas mais... Mas, além dos frutos, as árvores dão-nos a madeira...

— Também sabemos: com a madeira é que se fazem os sobrados das casas, as portas e janelas...

— As paredes divisórias... E ha mesmo muitas casas construídas de madeira. Com os



trancos das árvores fazem-se as vigas, que sustentam os telhados.

“ Foi, dobrando sôbre si os ramos da árvore que o homem primitivo imaginou a sua primeira casa fora das cavernas. Ainda hoje há povos selvagens que constroiem as suas pobres

habitações da mesma forma e sôbre as árvores se refugiam para escapar aos perigos com que os animais ferozes os ameaçam de noite.

“ De madeira é feita quási toda a mobília de que nos servimos, desde a tosca banca de pinho às mais belas peças de mobiliário artístico.

-- Cadeiras, mêsas, camas, cómodas, estantes...

— Sim, tudo isso e muitas mais coisas que são indispensáveis à nossa vida. Tanto servem para o uso dos opulentos, como para os modestos utensílios do pobre. E não é só isso; além da madeira que os artistas talham à vontade e da qual temos feito os mais variados e úteis utensílios, a árvore dá-nos a cortiça, que é a casca do sobreiro, que de tantos em tantos anos se corta, representando a sua venda uma fortuna para os proprietários da terra e a sua utilização pela indústria uma das mais admiráveis provas da inteligência humana.

«Os sobreiros do Alemtejo e Beira-Baixa, regiões em que principalmente se cultiva esta bela árvore, representam uma enorme fortuna para a nação, não só pela cortiça que aqui é trabalhada em fábricas onde se em-



prega muita gente, como pela que se exporta para a indústria estrangeira e traz dinheiro necessário para

ANTIGA HABITAÇÃO DA "MÉDIA" CONSTRUÍDA COM TRONCOS DE ARVORES

adquirirmos coisas que não temos que cheguem para o consumo, como, por exemplo, o trigo. A cortiça portuguesa é afamada em todo o mundo.

“A Espanha também possui bastante cortiça, e a França tem desenvolvido imenso a



SOBREIROS

plantação e cultivo de sobreiros na Argélia, norte de África, que lhe pertence. Todos em Portugal se devem interessar e estimar esta nossa boa árvore amiga.

“Há ainda uma outra que representa também uma enorme riqueza para o homem, embora não dê fruto, que é a *seringueira* e outras da mesma espécie, conhecidas com diversos

nomes. A seiva leitosa desta árvore é uma espécie de goma de que se faz a borracha.

“Basta dizer isto para que todos compreendam o seu valor, pois não há ninguém, por pouco ilustrado que seja e por pouco que tenha visto do mundo, que não saiba as inúmeras aplicações do cautchú ou borracha. Esta árvore existe no norte do Brasil, especialmente nos Estados do Pará, Amazonas e Acre e é a sua maior riqueza.

“Na sua extracção e comércio se empregam muitos portugueses imigrados.

“Nas províncias portuguesas da África Ocidental também se explora esta enorme riqueza, que as boas árvores nos dão

“E o que diremos do tão modesto como útil pinheiro, espalhado por todo o globo, na diversidade da sua numerosa família?



PINHEIRO MANSO DA EUROPA

«Dê-se se pode dizer que é verdadeiramente a providência dos humildes, pois é com a sua madeira que se fazem os mais vulgares e úteis utensílios do seu uso. Os pinheiros dão-se junto ao mar e servem para fixar as areias e deter as dunas e quebrar a violência do vento. Dá-se na montanha, isolado, em mata, em toda a par-



PINHEIRO MANSO EXISTENTE EM TORRES VEDRAS

te, emfim, constituindo a sua existência um benefício enorme para a saúde, pois as pessoas fracas dão-se muito bem respirando o ar im-



RUA DE FINHEIROS EM S. PAULO (BRASIL)

pregnado do seu aroma resinoso. O maior pinhal que temos em Portugal é o de Leiria, mandado replantar pelo rei D. Dinis. É um verdadeiro mialheiro nacional, que se deve estimar e proteger. O centro do país, as Beiras, são ricas em pinhais, que lhes dão a sua maior beleza e salubridade. Os pinheiros dão-se em quási toda a parte tanto na Europa como na América, havendo no Brasil verdadeiras regiões previligiadas para a sua cultura e das outras espécies semelhantes, como as araucárias, de que existem verdadeiras florestas nas regiões altas e admiráveis dos Estados de S. Paulo, Minas Geraes, Paraná e Santa Catarina e outras.

Ha uma árvore que não devemos esquecer entre todas, a oliveira, uma das maiores riquezas com que a natureza dotou o nosso admiravel país.





*
*
*
"A árvore tem sido a companheira mais útil e mais certa do homem e seu auxiliar desde as épocas mais remotas. Quando, nos primeiros tempos da sua existência terrena, o homem, miserável e fraco, se defrontava com animais de força infinitamente superior e providos de armas naturais de defesa e ataque, que o pobre ser humano não possuía, qual foi a primeira arma que encontrou ao alcance da sua mão e da sua inteligência rudimentar? Um galho de árvore arrancado num ímpeto de raiva e que se tornava, manejado por êle, tremenda arma de ataque e defesa. Antes de chegar a utilizar a pedra e aperfeiçoá-la para as suas armas o homem serviu-se, sem dúvida, de ramos cortados, ao acaso, das árvores grandiosas das florestas que o rodeavam. O uso dos bordões é tão natural e espontâneo, que ainda se vê repetido pelos grandes quadrúmanos que nas suas emigrações se arrimam muitas vezes a ramos de

árvores, à laia de bengalas, e assim seguem pelas matas e florestas virgens, descansando um pouco da fadiga da jornada.

«Mais tarde, foi encostado ao seu bordão e servindo-se dêle como defesa, que o homem guardou os seus rebanhos, como ainda hoje fazem os pastores da serra da Estrela, do Alemtejo e os de todo o mundo.



«Foi num tronco de árvore cavado que o homem pela primeira vez tentou a conquista das águas. Foi olhando para os madeiros arrastados impetuosamente pelas torrentes, e que nunca se submergiam, que êle compreendeu como lhe seria fácil seguir êsse caminho movediço, ligando alguns troncos e fazendo a jangada, forma primitiva dos barcos e navios.

«Levantando ao ar a péle que o abrigava, prêsa a um pau, descobriria, talvez, a vela que o faz correr ligeiro por sôbre as águas, mesmo contra a corrente, numa graça e leveza de ave marinha.

«É ainda das árvores que hoje se fazem as embarcações ligeiras, e sem elas não seria possível construir os grandes navios, só revestidos de ferro por fora. Com elas fizeram os homens os primeiros carros toscos, nos quais transportavam utensílios e famílias...

— E também fizeram as lindas carruagens douradas, os electricos, os automóveis, os carros de cavalos...

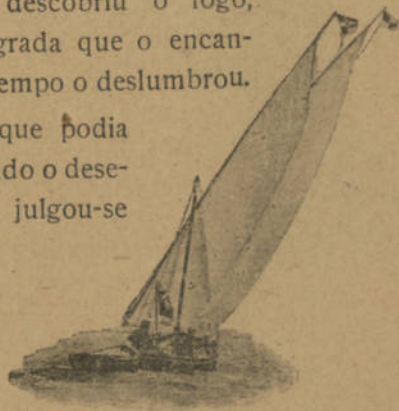
— Tudo isso e muito mais! A árvore dá-nos o calor no inverno, ardendo nos nossos fogões ou consumindo-se e transformando-se em carvão.

«Foi friccionando casualmente dois paus que o homem descobriu o fogo, essa scentelha sagrada que o encantou e ao mesmo tempo o deslumbrou.

Senhor do fogo, que podia fazer nascer, quando o desejasse, o homem julgou-se

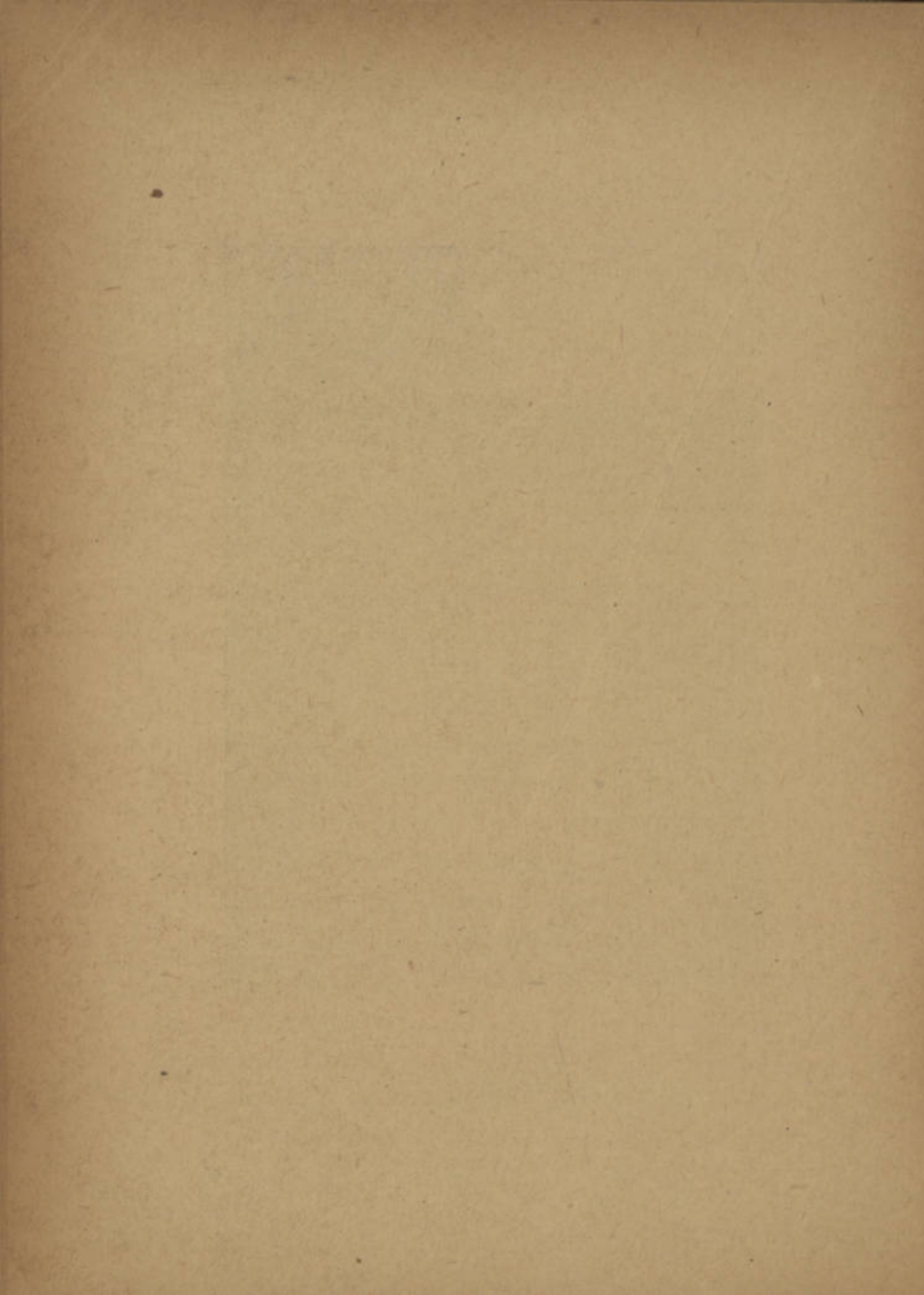
uma criatura superior a todas as outras; e tinha razão para isso! Mas, subjugado

pela sua própria superioridade, inclinou-se diante





REGIÃO DOENTIA E DESERTA QUE EM CINCOENTA ANOS, GRAÇAS À ARBORIZAÇÃO, SE TORNOU
NUMA DAS MAIS SAUDÁVEIS E MAIS RICAS DA FRANÇA



do seu descobrimento e adorou essa mesma fôrça que era sua escrava. Adorou o fogo e adorou a árvore que lhe fornecia a maneira de o fazer.

“O homem primitivo, mais perto da Natureza, amou a árvore, chegou até a adorá-la.

“Houve povos que consagraram à árvore um culto particular, especializando também algumas pela sua utilidade ou pela sua maior beleza. Houve sempre árvores sagradas e ainda hoje existem algumas, que são veneradas pela memória de homens ou de factos que a elas se ligam. Mas isto não é bastante!

“A árvore deve ser respeitada e querida como o melhor auxiliar da vida humana. Dá-nos pela calma do estio a frescura da sua sombra, purifica-nos o ar exalando pelas suas inúmeras folhas, que são outros tantos órgãos respiratórios da planta, o oxigénio, que é a vida e a saúde, e absorve o ácido carbonico, que é o mortal veneno para os nossos pulmões. Tanto assim que nos dormitórios dos melhores hospitais já se usa colocar grandes vasos com plantas, que alegam os olhos dos pobres doentes e tornam mais higiénicas essas casas de sofrimento e desesperança.

"As árvores são também o abrigo preferido pelas aves, que entre os seus ramos escondem os ninhos e já todos sabem quanto a vizinhança desses amigos é útil ao homem e à agricultura.

"Além disso, a árvore dá-nos a humidade, que é indispensável à cultura das terras e à nossa própria existência; fixa e prende os terrenos das encostas e os arenosos, formando com as suas raízes um como dique que impede o solo e as areias das dunas de caminharem para o mar ou para os rios, assoriando os portos de mar e dificultando a navegação dos rios.

"Durante esta guerra de que todos sofremos ainda as tremendas conseqüências, as árvores foram as verdadeiras vítimas da fúria dos humanos.

"Bosques inteiros foram destruídos nas regiões dos combates e, pelo mundo fora, a cubiça de uns e a real necessidade de outros, fizeram desaparecer milhares e milhares de árvores das mais belas e úteis.

"Queimadas para substituir o carvão, utilizadas em todas as indústrias, o custo da madeira atingiu tal ponto que os proprietários se cegaram



com os lucros fabulosos do momento e, sem olharem ao futuro, derrubaram os mais formosos arvoredos.

“As árvores de fruto, como a oliveira, que é uma riqueza, até essas sofreram os golpes traiçoeiros do homem, inconsciente do mal que o faz cego pela cubiça.

“A falta das árvores já se está sentindo atrozmente; e agora é necessário que todos se unam para repararem o mal e, redobrando de carinho e respeito pela maior amiga do homem, trabalhem para repovoar de lindas árvores a velha Europa, tendo resignação para esperar sem impaciência, que a alegria e a fartura voltem com ela à nossa terra.

“Não ha benefício que a árvore nos não preste e só um povo ignorante pode esquecê-lo, pagando tanto bem com tamanho mal, como se tem feito no nosso país.

“Tratando mal esta companheira mais certa e mais imprescindível, o homem foi um ingrato e mereceu bem o castigo que lhe veiu da sua falta. Fiquem, pois, sabendo que, morta ou viva, a árvore é a nossa amiga mais útil e mais respeitável, e deverá ser a mais querida. Aquele que faz dano a uma árvore é uma bem despre-

zível, ingrata e criminosa criatura! Na Noruega, e em outros países cultos, há uma lei que obriga aquele que corta uma árvore a plantar duas para a substituir. O mesmo se deve [fazer entre nós para que o nosso país seja ainda mais belo e mais rico do que é.

“Amai e protegei a árvore e ela vos recompensará!





A ÁRVOREZINHA E O MENINO

(Dialogo)

A árvore :

*Ó meu pequeno selvagem,
O que vens aqui fazer?
Arrancar a boa amiga
Que inda te pode valer?!*

O menino :

*O que fazer aqui venho
É coisa bem acertada;
Arranjar uma varinha,
P'ra bater na canzoada.*

A árvore :

*Cometes dois grandes crimes :
(Não te dou aprovação)
Trocar a morte p'la vida,
Castigar sem ter razão.*

○ menino:

*Dar a morte pela vida,
Essa opinião é bem fútil!
Não me dirás, hastezinha,
Qual o teu destino útil?*

A árvore:

*Por essas palavras tontas
Bem vejo a tua ignorância;
Se me deixares viver
Verás a minha importancia.*

*Hoje sou simples vergôntea
Quási sem folha e raiz,
Amanhã serei a árvore
Que toda a gente bendiz.*

*A' terra darei a sombra
E a humidade criadora;
Ao homem trarei saúde,
Fartura compensadora.*

*E tu mais tarde, já velho,
Debaixo de mim sentado,
Ouvirás dos passarinhos
O amoroso gorgeado.*

*Ó menino, toma tento,
Olha bem para o que fazes!...
Matar uma árvore é crime,
Que só fazem maus rapazes.*

O menino:

*Eu não sei se tens razão
Ou será tudo cantata;
O que te posso dizer
É que quero uma chibata.*

A árvore:

*Se queres uma chibata
É bem fácil de encontrar,
Uma haste não fará falta,
Tronco não deves cortar.*

O menino:

*Pois está dito, boa árvore,
Não usarei crueldade,
E daqui para o futuro
Em mim verás amizade.*

*E a toda a gente direi
Todo o bem que nos fazes.
Ninguém mais te fará mal,
Nem meninas nem rapazes.*





A coruja e o môcho

— Ora esta!... Uma coruja! Então não havíamos nós de ver uma coruja, uma ave tão medonha e agoirenta!...

— Coisa boa já não póde acontecer-nos!

— Isso não! Uma coruja só vem trazer más novas. Alguem está por aí a morrer!...

— Que peste de ave agoirenta! E para quê lhe havia de dar?!... Para ir fazer o ninho na torre velha do relógio!

— É que vocês não sabem que elas gosta m muito de ir ás torres e ás igrejas para beber o azeite das lâmpadas... — isto diziam os pequenos muito atarantados, porque, ao subirem á velha torre quadrada onde o relógio de sol sem ponteiro já não podia marcar as horas, uma co-

ruja, assustada por êles, saíra do seu pobre ninho de ervas sêcas e penas e voara desastradamente, soltando uns pios aflitivos e desagradáveis.

— Oh! que grandes disparates oiço para aí dizer!... — respondeu-lhes a mãe, que os aguardava em baixo, assentada num banco de pedra.

«Então os meninos não se envergonham de ter ainda ideias tão mentirosas e preconceitos tão tolos contra um pobre animalzinho, que é um dos nossos mais úteis amigos?!

— Amigos?! Uma coruja nossa amiga?!

— Lá nessa é que eu não posso acreditar.

— Toda a gente conta coisas destes avejões!...

— O povo todo a dizer que ela é má, e só a mamã a dizer que ela é boa!... Isso é impossível!

— Não sou só eu, felizmente! Se os meninos fossem um pouco mais instruídos, saberiam já que tudo isso que dizem são tolices, e a verdade é que a coruja é uma das aves mais úteis que existem.

— Então não é verdade que a coruja anuncia a morte, com os seus gritos medonhos?

— Não, não é verdade! A coruja, coitada, é

feia e triste, tem uma voz lúgubre e causa, por isso, um certo pavor aos medrosos ou a quem



está aflito, mas a morte só vem quando tem que vir, não é o pobre animal que a chama!

— E não vai às igrejas beber o azeite das lâmpadas?

— Não, senhor! O que ela vai é procurar ratos, para se alimentar, pois é uma caçadora exímia dessa peste de roedores. Uma coruja vale

bem uma duzia de gatos, vejam lá! E é inofensiva, modesta e tão economica, que nunca reclama sustento e bem estar, só pela prenda de matar os ratos, como acontece com os senhores gatos.

— Quanto mais viverás, mais aprenderás. . .

— dizia por traz dos pequenos o guarda, fechando a porta com a chave emperrada pela ferrugem. — Então a senhora diz a sério que não se devem matar as corujas e os mochos agoirentos?! . . .

— Não deve, não, mestre Vicente! O mal que dizem dêses pobres animais é todo filho da ignorância do povo, que tem andado com os olhos vendados e a alma entenebrecida pelos preconceitos e pelo terror. Ora diga-me uma coisa, mestre Vicente: acredita em feiticeiras?! . . .

— Muito parvo me julga a senhora, então! . . . — respondeu, rindo, o vèlhote, que era o regedor da frèguesia e a pessoa mais instruida da aldeia, afora o professor.

— Pois então aí está: Se já não acredita em bruxas e bruxedos; se já se ri com desprezo dessas abusões de velhas ao soalheiro; se já não sente pavor ao passar uma encruzilhada à meia noite, nem ao sentir uma tropeada de cavalos,

fora de horas, como é que ainda tem essa má vontade contra as tristes aves nocturnas, que são das mais úteis ao homem e à agricultura?

“Olhe, senhor Vicente, ainda não ha muito que ví um cálculo sobre os beneficios prestados durante um ano por estas pobres aves de prêsa, inimigas irreconciliáveis de ratos, ratazanas e outros roedores, assim como de gafanhotos, besouros e tantos insectos nocivos ao homem e



às plantas. Imagine, senhor Vicente, que uma só coruja pode destruir por ano seis mil ratos e outros animais semelhantes. Ora, se calcularmos sómente em meio centavo os estragos feitos por cada um destes bichos durante um ano, sabe quanto soma? Trinta escudos. Veja lá!

— E o mocho é também assim útil, mamã ?!

— Igualmente, sim, senhor! De que vos admirais? Então por ser feio e ter uma voz triste e hábitos extravagantes, imaginais que vale menos?! Não, meus filhos! A aparência nada é para o valor das coisas e das pessoas. *O hábito não faz o monge...* Diz o ditado. Também os sábios são, em geral, criaturas excêntricas, às vezes tristes, quási sempre modestas e pouco amigas do convívio barulhento dos outros homens; e é deles, no entanto, que nos vem toda a luz, todo o benefício imenso que a civilização vai buscar aos seus conhecimentos preciosos. Nos museus, nas escolas, nos laboratórios, quantas vezes não ficaríeis admirados ao ver homens simples, com mal talhados casacos, botas largas, ar tímido e sorriso modesto, se alguém vos dissesse que iam ali sábios, professores, artistas, aqueles enfim que mais representam para valorisar a humanidade? Ao verdes uma pessoa como que absorvida num sonho interior, com os olhos abertos — mas como se nada visse do que a rodeia, porque isso não a interessa — procurando nas ruínas de cidades mortas ha centenaes de anos a lição do passado; seguindo com ardor a cultura de micróbios no

seu laboratório e com isso descobrindo vacinas e remédios contra as bexigas, a peste, a raiva, a angina diftérica e tantos outros tremendos males; procurando as causas de tudo quanto existe; contando as estrêlas, calculando os mundos; descobrindo produtos novos; apropriando alimentos; vencendo, pôde dizer-se, a própria Natureza... imaginaríeis talvez estar vendo... o quê? um pebre louco, uma criatura estravagante, que só causa riso e mofa.

— Mas então, todos os sábios são feios e velhos?

— Certamente que não.

Há sábios novos e belos, homens e senhoras, que vivem como toda a gente.

Mas o que eu quero que compreendam bem é o pouco que valem as aparências em relação ao

valor e á utilidade das criaturas e das coisas. Os gregos, que eram o povo mais amável, mais culto e mais encantador da antiguidade; o povo que santificou a própria vida e fez de cada ser da natureza a ideia de um deus, e assim respeitava e amava as águas correntes, as árvores, as



próprias pedras, as aves e as feras; esse povo artista que ainda hoje influe sobre a nossa civilização e foi vencido pelo férreo domínio romano, mas venceu pela doçura, pela arte e pela inteligência, os próprios conquistadores; os gregos, dizia eu, tinham o seguinte provérbio que era o resumo mais delicado de toda esta grande lição de moral: "Não trateis nunca mal um mendigo, porque póde bem ser um deus que ande disfarçado!..." — Digo-vos o mesmo: "não trateis mal, nem odieis nenhuma criatura pela sua aparência, mais ou menos desagradavel, porque póde bem ser que seja, como a coruja e o mocho, um ente digno do nosso reconhecimento, mais do que do nosso odio."





A A'GUIA E A CORUJA

*A Coruja inofensiva,
De dia não vendo nada,
Tem um mêdo pavoroso
De toda a mais passarada.*

*Tendo reunido na toca
Em que procurara asilo
Uma ninhada implumosa
Num belo ninho tranqùilo,*

*Tremia, cheia de susto,
Pela sorte dos filhinhos,
A' medida que em segrêdo
Redobrava de carinhos.*

*Como poder defendê-los,
Não vendo nada de dia,
Das bicadas inclementes
De muita ave bravia?!...*

*Uma vez, mais resoluto,
Tirou-se dos seus cuidados,
E saiu, toda tremendo,
Nuns largos vôos apressados.*

*Foi ao alto da montanha
Onde mora a Águia altaneira,
E, humilhada, soluçante,
Falou-lhe desta maneira:*

— *“Vós que sois Rainha altiva
“De nós todos, protegei
“Os meigos inocentinhos
“Que lá em baixo deixei.*

*“Poupei aos vossos banquetes
“A sua carne tenrinha,
“Nem deixeis que outros o comam,
“Oh Águia e Senhora minha!”*



*Logo a Águia respondeu,
Com seus modos soberanos:
— Como falam aos pequenos
Sempre os grandes e os tiranos.—*

— *“Descança, não tocarei
“Nos filhos dos teus desvelos;
“Mas dize cá, oh Coruja,
“Como é que heide eu conhecê-los?”*

— *“Ai, Senhora, são tão lindos
“Que não é fácil errar!
“Suas penas são de seda
“Lustrosas como o luar;*

*“Os seus bicos são graciosos
“Como os não tem outras aves,
“E os seus olhos são topásios
“Dos mais finos e suaves...”*

— *“Pára, Coruja, é bastante
“O retrato que me dás;
“Volta ao teu ninho em silêncio,
“Vive com os teus em paz!”*



*No dia seguinte, a Águia
Safu, como de costume,
Na pompa do alvorecer
Cheio de côr e perfume.*

*Ora a rastejar na terra,
Ora nas nuvens roçando
Suas asas triunfais,
Andava a Águia passeando,*

*Como lhe abrisse o appetite
O passeio matinal,
Sentiu ganas de comer
Um almócito frugal.*

*Numa volta descobriu.
Ocultos num muro, ao meio,
Uns possarolos dormindo,
Dum aspecto triste e feio.*

*Vai ela, duma só vez,
A ninhada devorou,
E, lampeira, satisfeita,
A' sua fraga voltou.*

*A' noite, a pobre Coruja
Enchia o céu de lamentos...
Foi ter com a Águia — aflita,
De fazer chorar os ventos!...*

*Logo que a viu, lhe gritou:
— «Oh Águia falsa e traidora,
Assim cumpriste a promessa
«De bondosa protectora?!...»*

*Replicou-lhe com viveza
A Águia toda espantada:
— «Porque mentiste então tu,
«Minha tonta desastrada?!*

*«Os pássaros que enguli
«Eram feíssimos, medonhos,
«E os teus filhos descreveste-los
«Os mais lindos e risonhos!...*

*“Não te queixes pois agora
“De mim, a culpa é só tua;
“Não me apoquentes, portanto,
“E põe-te no andar da rua!”*

*— “A mãe acha sempre lindos
“Os filhos do seu encanto . . .”
Volveu a triste Coruja,
Toda lavadinha em pranto.*

*E com esta foi-se embora,
Atroando o ar de aflição,
Emquanto a Águia, mais triste,
Pensou na dura lição . . .*

*Por fim, disse lá consigo:
— “Quem sabe se os meus também
“Serão lindos só p'ra mim,
“P'ra mim que sou sua mãe?!”*

Paulino de Oliveira





OS DOIS CAÇADORES

As flores! Quem ha que as não ame e as não queira possuir?

A mais modesta casinha torna-se bela e até luxuosa, se algumas plantas a ornamentarem. Uma pobre jarra de barro onde se coloque um



simple ramo de flores do campo, torna agradável a mesa de jantar ou a casa de trabalho.

Um só vasinho com uma planta em flor, que nós mesmos semeamos, cultivamos e vimos crescer e florescer — que santo orgulho nos causa! E quando podemos ter um jardim, não há riqueza maior, principalmente para as crianças

que nêle correm, que teem o trabalho grato de o regar, que espiam as sementes deitadas à terra e as vêem brotar com tanto entusiasmo, seguindo o seu crescimento, até que todas se enchem de florinhas... Mas logo depois, que tristeza! De noite para de manhã, sem podermos explicar a causa, todas as nossas alegrias se volvem em desgôsto, porque as lindas e tenras pétalas das flores aparecem roídas, rasgadas, despedaçadas! Os formosos amores perfeitos, que parecem veludo de várias côres, as perfumadas rosas, os simpáticos crisântemos, os deliciosos cravos, tudo sofre d'êsse terrível mal.

Era o que desanimava os dois irmãos, Lili e Carlos, quando todas as manhãs chegavam ao jardim e iam visitar os canteiros do seu jardineiro, cultivados com amoroso carinho. O jardineiro tinha-lhes dito:



— Todos os caracois que os meninos encontrem destruam-nos sem piedade, porque os *caracois*, as *lesmas*, as *bichas-cadelas*, as *lagartas*, os *bichos de conta* e outros semelhantes, são os grandes inimigos das plantas.

O jardineiro não lhes soube dizer mais, mas o pai confirmou o dito e explicou-lhes que todos êsses animais eram inimigos das plantas, porque elas são o seu alimento e devorando-lhes as folhas, as flores e até os rebentos, reduzem-nas apenas ao tronco, e não podendo assim respirar, definham e morrem.



Desde êsse dia os pequenos encetaram uma guerra sem tréguas aos caracois e demais bicharada, mas, por fim, declararam-se vencidos pelo desânimo, porque, por mais cuidado que tivessem, sempre a voracidade dos inimigos

levava de vencida o seu esforço.

— O melhor — dizia Lili duma maneira decidida — é deixarmo-nos disto. Já que êsses malvados se querem regalar com as

nossas flores, então deixamos de as ter e êles hão de morrer à fome.

— Isso não pode ser, Lili, porque nós deixávamos de ter as flores e a bicharia não acabava, porque iriam para outra parte ou talvez comesse as hortaliças e as ervas.

— Então...

— Então, minha menina, se não tens outra maneira de remediar o mal, esse não serve, por ser demasiadamente radical — disse-lhes o pai que os tinha ouvido, andando a espaldar uma roseira e a cuidar das suas outras flores de estimação. — Deixem estar, que eu lhes arran-



jarei um caçador mais paciente e mais hábil do que vocês, e que em pouco tempo livrará os nossos jardins desta praga. Talvez até arranjar um que livre a dispensa da avòzinha, que está tão queixosa, porque os insolentes ratinhos lhe foram encetar os presuntos...

Os pequenos ficaram cheios de curiosidade e fizeram mil perguntas, mas nada obtiveram como

esclarecimento que os tirasse das suas dúvidas.

— Olha, Carlos, sabes o que é? — dizia a Lili, que era uma menina muito decedida em opiniões. — E' algum rapazinho que o papá arranjou para ajudar o jardineiro e vai encarregar-lo de apanhar os bichos.

O pai ria-se à socapa e só lhes dizia:

— Esperem, tenham paciência; os caçadores que eu quero convidar para casa não tardam a vir...



* * *

Passados dias, chegou de fora com uma caixa de papelão, com alguns buracos na tampa para entrar o ar, e disse para os pequenos:

— Meninos, aqui está um dos caçadores; o outro que convidei não se pôde ainda encontrar, mas não desisto de o trazer para casa, pois a avòzinha está cada vez mais descorçoada com o atrevimento dos senhores ratos...

Os dois caíram das nuvens; depois desata-ram a rir. Um caçador dentro duma caixa de papelão — que lhes contava o papá?! . . .

E êles a suporem que lhes trazia um pequeno jardineiro para os ajudar nos trabalhos do cultivo e que nas horas vagas seria o seu companheiro de brincadeira?! . . . O Carlos já pensara em que podia puxar o carrinho onde a Lili, toda senhora, se reclinaria com a boneca ao lado, enquanto êle, Carlos, montado no seu cavalinho de pau ou no triciclo, passaria, tirando o chapéu como fazem os elegantes a passear no Campo-Grande e na Avenida.

Para dizer a verdade, ficaram um tanto desapontados.

— Vamos lá ao jardim levar o nosso caçador, que êste ano há de salvar a nossa magnífica plantação dos amores-perfeitos, tenho a certeza disso.

Mas, quando o pai destapou a caixa e os pequenos viram dois grandes olhos redondos como que espantados e vítreos, uma bôca muito rasgada de lado a lado, um corpo disforme e esverdeado, um grito de horror saiu dos seus lábios.

— Ai, papá, que monstro! Que é isto?



— E' um sapo!

— Um sapo? Ai! meu Deus, um sapo, que é uma coisa tão venenosa, é o que o papá diz que é um caçador?!

Aos gritos dos pequenos a cosinheira e o jardineiro tinham vindo acudir, imaginando que lhes sucedera algum desastre e ficaram também boquiabertos e assustados.

— O que lhes trazia o patrão para casa, meu Deus?! Um sapo, um bicho tão peçonhento e agoirento, cruzes!...

— Peçonhento o quê?... — ria a bandeiras

despregadas o pai dos pequenos. — Peçonhentos são vocês, que pagam com a maior ingratidão os benefícios que lhes prestam êstes e outros pobres animais utilíssimos...

— Ai! patrão, na minha terra um sapo meteu-se pela bôca dum rapaz que estava a dormir no campo e...

— Olha que novidade essa!... Pois se o rapaz estava de bôca aberta, qualquer bicho lhê poderia entrar por ela.

— Mas é que não é isso, os sapos são uns bichos medonhos e cheios de peçonha, que urinam para os olhos das crianças e para a cara da gente, fazendo-a cegar...

— Pois na minha terra — dizia a cozinheira, toda desenvolta — quando se apanha um monstro dêstes, espeta-se-lhe um pau pela bôca e põe-se á entrada das propriedades, para *escarmento* dos outros. E fica ali uns poucos de dias a espernear...

— Coitadinho! — lamentou o Carlos.

— Pobre animal! — acrescentou a Lili. — Que malvadez!

— Coitadinho, dizem os meninos? É que não sabem como êstes bichos são venenosos!...

— São os amigos das feiticeiras e do diabo,

não é verdade, tia Gertrudes? — perguntou a criada de fora à cozinheira.

— Ó Maria, então você ainda acredita nessas coisas?! Isso é uma vergonha, uma rapariga nova prestar atenção a contos de velhas ao soalheiro. Pergunte ali aos meninos se eles acreditam em feitiços, e mais são umas crianças.

— Mas os meninos gostam muito de contos...

— Isso não faz mal, gostam de ouvir e de ler contos, mas sabem muito bem que não são verdades, não é assim, Lili?

— Ora se é!... Como dizem aqueles versos que o Carlos vai recitar à festa escolar:

«Não há gigantes nem fadas,
«Nem génios perseguidores,
«Nem monstros aterradores,
«Nem princesas encantadas...

— E também não ha diabo, não é verdade, papá?

— Nada dêsses horrores existe senão na imaginação dos ignorantes, que fizeram cair sobre o pobre sapo tais acusações, só porque não é nenhuma beleza...

— Ah! Lá isso feio, é ele, papá . . .

— É feio, Lili, mas as suas obras são boas. Vocês lhe serão gratos, quando acabar com toda essa má bicharada, que devora as nossas lindas flores.

— Então o senhor sempre quer que ponha este bicho livre, na terra?

— Pois é claro, sr. Domingos. O sapo não é nada disso que vocês dizem, é um pobre animal inofensivo para as pessoas e sem veneno nenhum, como erradamente dizem. Pobre sapo! O que tem sofrido através dos tempos! Que perseguições, que martírios, só porque tem uma figura desastrosa! . . . Pois fique sabendo, mestre Domingos, que um jardineiro como vocemecê não deve já ter esses preconceitos. Olhe que na Inglaterra pagam-se bem caro êstes animais para se terem nos jardins, pois é a única maneira de destruir os *caracois*, *bichas-cadelas*, *lesmas*, etc. Melhor



do que eu sabe vocemecê o mal que êstes nos fazem, pois anda sempre a queixar-se de que não consegue salvar as plantas dos estragos que lhes cauzam.

— Isso é verdade; mas um sapo, sempre me disseram que era muito peçonhento!...

— Coisas que dizem. Lá porque o mísero animal expele um liquido leitoso que não é nenhum veneno para a gente, e apenas lhe



CARRAOL

serve para afastar os cães, que o querem morder, aqui del-rei que é peçonhento!...

— E então a urina dêle não é venenosa, meu senhor?

— Não é! Pode lançá-la muito longe, como



BICHO DE CONTA (AMPLIADO)

meio de defeza, quando é atacado, mas não faz com isso nenhum mal. Convença-se, sr.

Domingos, do que lhe digo: enquanto o homem do campo for ignorante, como é, não cometerá senão imprudências, para não dizer crimes, matando e martirizando animais que são seus auxiliares e amigos e protegendo outros que nenhum bem lhe fazem. Ora

diga-me cá: o lagarto e a lagartixa são bons ou maus?

— São maus!

— O' papá, teem tanto veneno que até vivem cortados aos bocados, não é verdade, Lili?

— E' verdade, é!... O outro dia matámos uma que ia a fugir pela parede e, partida ao meio, ainda mexia...

— Fizeram os meninos muito mal. Foi uma barbaridade inútil e um disparate, que só nos prejudicou, pois tanto as lagartixas como os lagartos são inofensivos para os homens e muito úteis como protectores das nossas plantas, visto serem, como os sapos, as rãs e as nossas in-

ofensivas cobras, uns insaciáveis devoradores da bicharia daninha...



BICHO DE CONTA DOBRADO
(AMPLIADO)

— Também o senhor quer que se protejam os lagartos e as cobras?! Louvado seja Deus! As

cobras, que correm atrás dos homens nos campos, e os lagartos atrás das mulheres, é que o senhor diz serem bons!... — admirava a trè-fega cozinheira, benzendo-se no auge do asombro.

— Pois é claro que quero que se poupem,

porque tudo isso não passa dum chorrilho de asneiras. As cobras que fazem mal, no nosso país, são sómente as víboras. Há cobras muito perigosas e cuja mordidela é fatal, mas não na Europa.

— O' papá, não há cá daquelas que engolem um boi inteiro, pois não? — perguntou a Lili.

— Felizmente!... A nossa gente assusta-se tanto com uns pequenos e inofensivos animais, o que faria se visse uma destas serpentes de boca escancarada, grossas como troncos de árvores, engulindo homens, como as de cá engolem os pequenos roedores, de que são caçadoras eméritas?!... No Brasil sim, aí é que há cobras lindas e variadíssimas.

— Lindas, pois uma cobra pode ser linda?

— Tudo tem a sua beleza própria. As cobras vistas como eu vi no instituto apropriado, que há em S. Paulo, onde se estuda e prepara o antídoto ao seu veneno, é



LAGANTIZA

uma coisa admirável. Eu vi, com repugnância, mas com interesse, uma enorme cobra, para nós inofensiva, engulir outra das mais perigosas.

— Ah, isso gostava eu de ver — disse o Carlinhos.

— E eu também, ainda era mais engraçado do que aquela história que se conta: *uma cobra a tirar água e outra a regar o jardim.*

— Sim, sim, fiquem sabendo que a vida é um espectáculo mais admirável e maravilhoso

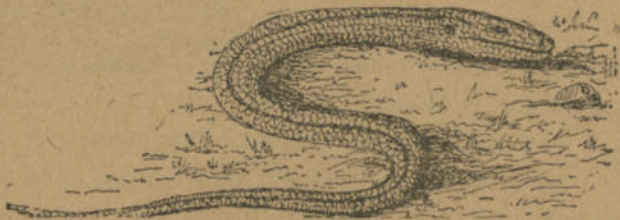


do que a própria fantasia. Imaginem vocês que eu vi nesse admirável Instituto o sábio Dr. Vital Brasil, que o criou e dirigia, pegar com uma pinça nas cobras mais venenosas e tirar-lhes du-

mas glândulas que teem na bôca o veneno mortal, que expelem quando mordem. Depois de esvasiados esses pequenos depósitos as mordeduras das cobras não são mortais, até que se tornem a encher. É assim que se criou a fama de alguns remédios maravilhosos e feitiços, contra as mordeduras das cobras.

— Santo Deus, quanta coisa que a gente nunca viu nem sabe!...

— Então o senhor também se ri, se eu lhe disser que as cobras cá na nossa terra vão tirar



COBRA VULGAR DA EUROPA

o leite das mulheres que teem filhos pequeninos, quando estão a dormir?... E tão sorradeiras, que elas não acordam nem dão por isso?!...

— Pois é claro que rio, porque isso é impossível! As cobras não podem ter essa guloseima pela simples razão de que a sua bôca não é feita para mamar. Ora; se elas não podem mamar nem devagarinho nem depressa, como quer que acredite em tais patranhas? Olhe, sr. Do-

mingos — disse para o jardineiro — as cobras, livrando-nos dos roedores, fazem-nos mais bem do que mal e, para nos livrarem delas, mesmo que fossem nocivas, ha bastantes animais, principalmente entre as aves, não vale a pena sermos nós a matá-las. Deixe estar sr. Domingos, que eu hei-de arranjar-lhe uma lista dos animais que se devem proteger e dos que se devem destruir por causarem prejuízo à agricultura e a todas as plantas. Uns matam os outros, de maneira que é bastante proteger os que sabemos que destróiem os nossos inimigos.



o ouriço

— Mas isso também não é bom, proteger os assassinos...

— É verdade, Carlitos, não digo que seja uma coisa das mais justas, mas que queres? A vida é assim e a justiça absoluta não pode existir. Nós vivemos das plantas e portanto não podemos consentir na sua destruição. A única maneira de conseguí-lo é aliarmo-nos com os inimigos dos seus inimigos, protegendo-os, para que êles nos paguem esse benefício com um benefício maior. É necessário conhecer os que

nos são úteis e não deixar que continuem os preconceitos e idéias errôneas sôbre eles. Olhem, por exemplo, o pobre ouriço-cacheiro é um dos que é preciso também reabilitar!... Era êsse o segundo caçador que queria trazer...

— Um ouriço-cacheiro!... Ai, filho, não nos tragas isso para casa! olha que vai ao galinheiro e mata-nos a criação toda. E é nojento, é medonho!...

— Vê? Lá está a mamã a dizer também coisas feias dos pobres ouriços, que são as criaturas mais inofensivas e mais engraçadas do mundo. Só vivem para devorar moluscos e pequenos insectos nocivos e, além disso, são ótimos caçadores de ratos, êsses terríveis roedores de que a mamã tanto se queixa; é o único animal que se atreve a lutar com as víboras e serpentes, e as consegue matar e devorar. Vejam, só por isso, o bem que nos faz! Quanto a ir à capoeira matar a criação, não se pode acreditar em tal; pois, se lá vão, é para matar os ratos e ratazanas, não para matar as galinhas, que ninguem nunca o viu atacar. É tão verdade isso, como dizerem alguns cultivadores que êles lhes comem os frutos, quando os pobres ouriços

morrem de fome, se os prendermos numa caixa unicamente cheia de fruta. O que comem vorazmente são insectos, gafanhotos, grilos, baratas, mosquitos, formigas, caracois, ratos, e muitos outros roedores, que tanto prejuízo nos causam.



FORMIGA (MUITO AMPLIADA)

“Um só ouriço numa primavera, destruindo caracois, larvas e toda essa bicharia de que se alimenta, faz tanto serviço à agricultura, como uma pessoa que estivesse empregada vinte e cinco dias nesse trabalho. Ora uma pessoa, ganhando pelo menos um escudo e cinquenta centavos, custaria ao proprietario trinta e sete escudos e cinquenta centavos. Já vê a minha boa mamã que é importante! Sem falar nos estragos que fariam todos esses a nimais de que êle nos livra. E quanto a feio... eu não o acho muito feio!



BICHA CADELA (AMPLIADA)

— Ah! isso não digas!

Já não nego que seja útil, visto que os senhores sábios tudo são capazes de provar, ao contrário do que a gente imagina; mas lá quanto a feio!..

— O' mamã, eu não posso achar feios aqueles que teem bonitas acções, sejam homens,

sejam animais; mas aos ouriços acho uma graça imensa. Como êles se enrolam e se fazem numa bola de picos ao menor susto ou ao mais leve perigo! Como eles se defendem com a sua couraça, dos próprios cães e até das raposas, que os não podem abocanhar sem se ferir, é uma coisa interessante! E a tropeada que fazem de noite, pelas casas, no seu trabalho de caçadores, que graça tem! . . .

—“ Ó papá — dizia o Carlos, já muito entusiasmado — arranje, arranje um ouriço cá para o jardim. Ha de ser engraçado!

A Lili já não ouviu o pedido, porque seguia, a rir, o sapo que aos saltos se metia por entre as plantas e arbustos dos canteiros.

—“ Anda cá, ó Carlos — dizia ela — vem ver o nosso caçador, que até usa casaca verde como os mateiros e caçadores dos fidalgos!





O ESPANTALHO

Para êsse dia o Director marcara um passeio ao campo. Os pequenos da escola estavam radiantes. Tinham corrido, pulado, rido e cantado à vontade. Pelo largo espaço desafrontado os seus gritos e cantigas perdiam-se, sem incomodar os professores que, assentados à sombra dum pinheiro ramalhudo, conversavam sobre os progressos dum ou doutro, sôbre os estudos e os exames próximos, ou doutras coisas triviais que lhes iam ocorrendo.

Nisto, um bando dos mais pequenos desceu

a correr um caminho declivoso e, rindo às gargalhadas, veio chamar os companheiros para verem um homem de chapéu alto que estava no campo de trigo com os braços abertos, como pregado numa cruz.

Os mais velho, duvidosos se seria ou não partida dos fedelhos, sempre foram ver de que se tratava, mas a modo desconfiados.

Ao chegarem acima, desataram também a rir, descompostamente, de maneira que despertaram a curiosidade dos professores.

Foram êstes também verificar de que se tratava e não puderam deixar de sorrir, pois o figurão, a que os pequenos chamavam "guarda de chapéu alto" estava realmente engraçado, com a sua sobre-casaca esburacada, as suas calças claras, o chapéu alto amachucado e os braços abertos, como que a fazer um discurso de importância.

— Vejam vocês — disse um dos professores — como êste pobre guarda é impotente contra a falta de respeito da insolente pardalada! Não vêem um pardal poisado mesmo no chapéu?!

«São piores de que garotos mal educados, os *majarricos!*

— E para os espantar teve o dono da pro-

priedade o trabalho de fazer êste boneco... de caricatura.

— Como está, visto de longe, até parece mesmo um homem!...

— É verdade! Eu, quando aqui cheguei, ia a pedir-lhe licença para atravessar o campo...

As crianças não se fartavam de rir.

— Pois se não há bicho mais daninho nem mais atrevido do que estes malditos pardais!...

— Vejam lá, não tem medo de coisa alguma!...



— Daninho?! É quem te disse que o pardal era daninho?... — Perguntou um dos professores ao pequeno que tinha falado.

— Quem mo disse?! Foi o meu pai mesmo... às vezes, quando anda a semear, andam êstes descarados, aos bandos, atrás dêle, a papar as sementes. Fazem uma perda!...

— Pois olha, Francisco, apesar do muito que comem os pardais, sempre te digo que os não mates, nem deixes ninguém matá-los. Queres saber porquê?

— Sim, se o sr. professor faz o favor de mo

dizer; eu gosto de aprender, para ir também contar ao meu pai e aos outros lavradores da minha aldeia. Que êles, às vezes, não querem acreditar no que eu lhes digo; como o outro dia, quando lhes contei do sapo, do ouriço e da coruja, que ainda imaginam que são bichos muito maus. . .

— Pois sim; mas não desanimes, vai sempre dizendo o que aprendes cá na escola, que alguma coisa aproveitarão. Aposto que, apesar de duvidarem do que tu dizes, já vão poupando mais êsses animais?!. . .

— Sim, lá isso é verdade; já não vejo por lá tanta caça a êles e a outros, que lhes tenho dito que são bons amigos e cooperadores do homem.

— Ora aí está. Vêem vocês? A escola não ensina só os que a frequentam mas também os que depois ouvem as nossas palavras repetidas pelo discipulos. Pois então, Francisco, vai contar ao teu pai isto que te vou dizer: — Os pardais, a que vocês pelos campos fazem tanta guerra, são também grandes e muito úteis amigos do homem e dos seus campos agricultados. Ainda há poucos dias eu li as notas seguintes; vejam se as reteem bem na memória:

“Se é verdade que o pardal come alguns frutos e sementes, principalmente dos cereais, é também verdade que os insectos e as lagartas que destrói são tantos que devorariam sete ou oito vezes mais do que êle come.

“Imaginem vocês que um par de pardais leva para a sua esfaimada ninhada trinta lagartas por hora, o que por dia já representa a destruição de quinhentos insectos prejudiciais. Além disso, junto dos seus ninhos chegam a encontrar-se asas de setecentos besouros! Ora êstes setecentos devoradores incansáveis teriam produzido mil e quatrocentos filhos, que à sua conta não destruiriam menos de catorze mil



espigas, que não dariam menos de vinte e cinco litros de trigo. Vejam os meninos se decoram estes números e cálculos para os dizerem às suas famílias amigos e conhecidos, que

não teem quem os ensine.

— Mas aquilo sempre são uns pássaros mais desvergonhados! Às vezes estou à janela a comer

pão e, como lhes deito algumas migalhas no parapeito, não teem mesmo nenhum receio de mim. . .

— E tu pagas-lhe mal essa confiança, matando-os, não é assim?

— Ah! eu cá não lhes faço mal — respondeu outro pequeno — êles até me fazem companhia com a sua chiada no telhado da nossa casa. E, como não tenho campos de trigo nem cerejeiras, bem me importa a mim que comam alguma coisa aos lavradores. . .

— Não é isso, Joaquim. Tu também não deves pensar assim; pois se os homens do campo sofrerem, também tu sofrerás, que terás de comer tudo mais caro. A sociedade é uma cadeia de interesses, e todos nos devemos ajudar uns aos outros; senão, a cadeia quebra, e é sempre pelo mais fraco, vocês bem o sabem. . . Os mais fracos são sempre os que mais sofrem. É preciso que nos ajudemos mutuamente e o interesse dum deve ser o interesse de todos. Mas, voltemos aos nossos pardais, a êsses insolentes garotos que não se importam nada do que nós aqui dizemos, e lá estão bem descansados agora mesmo sôbre o espantalho com que os homens imaginaram assustá-los:

“Ainda lhes conto outra história que li no tal interessante livro: — Uma vez o rei da Prússia, Frederico o Grande, que foi na verdade um grande rei para o seu país, porque era um homem inteligente e instruído, mas que tinha também o defeito de mandar em tudo e em todos como um verdadeiro tirano, deu ordem para que os pardais fossem todos mortos dentro dos seus domínios, pois êsses malditos comiam-lhe sem respeito nenhum — dizia êle — muitas cerejas dos seus vergéis. Ora, meus amigos, estais vendo! O grande Frederico mandava e os vassallos obedeciam.

Foi dito e feito. Em pouco tempo os pobres pardais sofreram uma rázzia medonha. Poucos ou nenhuns escaparam. Pois bem, nesse ano, sabeis o que aconteceu? O rei não comeu nem uma cereja, nem as árvores sequer se cobriram de folhas.

A bicharada daninha fizera assim a reabilitação



do modesto pardal! O rei compreendeu o erro cometido e repatriou os pobres proscritos, sendo muito respeitados daí para diante. Diz-se, ainda,



que na Hungria e no ducado de Bade, também na Alemanha, as cabeças destes espertos pássaros foram postas a preço, tal como as dos grandes bandidos, e eles, compreendendo que não estavam

em segurança numa terra onde os perseguiam sem piedade, fugiram dessas duas regiões. Não se passou muito tempo sem que a sua falta não fosse sentida, pois só êles são capa-

zes de sustentar a guerra, com vantagem, contra os besouros e outros mil insectos alados, adversários bem mais perigosos das colheitas. De tal maneira foi reconhecida a sua falta, que os prêmios que primeiro eram dados para a sua destruição foram depois dados a quem os trazia e fazia viver ali.

«Nos arredores de Nova-York, que é, como vocês sabem, a principal cidade dos Estados-Unidos, a introdução dos pardais em 1867 deu como resultado imediato o desaparecimento de uma quantidade enorme de insectos nocivos, que devastavam as culturas e os pomares. E na Austrália aconteceu o mesmo. De vez em quando levanta-se uma terrível campanha contra os pobres pardais acusando-os de comerem mais grão do que bichos, mas as provas pró e contra são tão varias, que melhor será vocês verem bem se haverá razão para que os pobres pardais sejam tão odiados! . . .

— Eu, sr. professor hei de dizer a todos que eles são até muito úteis e cá por mim não os matarei. . .

— Nem eu! . . . — gritaram todos os outros rapazes à uma.

Cumprirão a sua promessa? É o que veremos para o futuro.





Chegou a primavera

— Ó mamã, ó mamã,
chegou a primavera!... —
gritava a pequena Leonor,
entrando em casa
afogueada e agitando no ar o seu chapéu de
campo. — Já se ouvem os grilos e os ralos, e
chegaram as andorinhas; disse-me o quinteiro,
que as viu chegar. Andam já muitas em volta
da casa a procurar os ninhos...

— Já sabia que tinham chegado essas boas
amigas, porque os jornais o anunciaram há
dias.

— Então os jornais também falam nas andorinhas, mamã?

— Sim, falam, porque todos se interessam por essas encantadoras àvezinhas que nos veem anunciar a chegada da primavera, a estação risonha das flores.

— Onde virão estas, mamã?

— Quem sabe? Talvez do Egito, talvez do sul da Itália...

— O Egito! Que longe que é!... Como elas podem vir de lá e sempre a voar e sem errar o caminho!

— E quem lhes ensina o caminho, mamã?
— perguntou o Francisquinho, que estava assentado no chão muito entretido a dobrar barcos de papel para fazer uma grande esquadra.

— Quem ensina o caminho às mais novas são as mais velhas, que vão sempre a voar na frente. O seu melhor mestre é o instinto que as faz procurar climas mais doces, quando chega o nosso inverno, e que as faz voltar, quando vem a primavera e com ela a vida que desperta, depois do entorpecimento dos dias inverniais. No inverno as andorinhas morreriam de fome, porque não podem viver sem o alimento que lhes é dado por uma quantidade enorme de insectos,

que na primavera se desenvolvem de maneira assombrosa.

— Mas — tornou a perguntar o Francisquinho, que não fazia uma ideia muito clara da vida migrativa dos passarinhos — eu não compreendo como podem as andorinhas ir tão longe sem comboios nem vapores. Então não é preciso atravessar o mar para ir ao Egito?



— Que patêzinha!... — riu a Leonor com o seu grande ar de importância. — Então o menino não sabe que o Egito é na Africa? Ainda não viu gravuras com as pirâmides do Egito?

— Isso tenho eu visto, mas não sei se é para lá do mar ou para cá!... É uma terra que tem camelos, e homens embrulhados em panos brancos, pronto!...

— Jesus! Êste menino nunca há de saber nada!... Então não se lembra que vimos no animatógrafo as pirâmides lá ao longe e uma caravana com camelos e cavalos, e os árabes com os seus albornoses?!...

— Lembra-me, sim, senhora, lembra-me muito

bem! E até se viam palmeiras e um grande rio...
Mamã, como se chamava aquele rio?

— O Nilo, a grande riqueza do Egito! Com as suas inundações periódicas fertiliza tão extraordinariamente as terras por onde passa, que não ha, certamente, no mundo outra região que se lhe eguale.

“Também, desde os tempos mais remotos, que os homens, reconhecidos, veneraram êste rio como uma verdadeira divindade.

Ainda hoje há uma época do ano em que o velho Nilo é festejado e presenteado com flores, numa grande alegria de todo o povo reconhecido.

— Pois era o Nilo que se via, era, agora é que eu me lembro!...

— Olhe lá, Francisquinho, e não se lembra duma grande torre ao pé do mar?

— Lembro-me, era um farol...

— O famoso farol de Alexandria, à entrada do principal porto de mar do Egito.

— E lá ao longe não se lembra de ver umas



O CAMELO

tôres muito agudas e umas grandes aves em cima?

— É verdade! é verdade!... Mas que era isso?

— Essas tôres agudas chamam-se mina-

retes, e as grandes aves são as cegonhas que, como as andorinhas, emigram da Europa, quando vem o inverno, em busca de mais temperados climas.

— Quem me dera ser também um passarinho e voar, voar, ir por cima dos montes e das cidades, atravessar os mares e ir fazer o ninho muito longe, num país muito bonito e muito quentinho!... — disse Leonor a sorrir.

— E eu também! E depois todas as primaveras vinha ver a mamã e o meu ninho!



— Ver a mamã, Francisquinho? Então, se o menino fôsse passaro, a mamã também seria como o menino e voaria também pelo céu fóra.

— E, quando viessemos, encontravamos o ninho, não é verdade, Leonor?



FAROL DE ALEXANDRIA

— Sim, porque as andorinhas, disse-me o quinteiro, voltam sempre ao mesmo ninho, todos os anos; é como se fôsse a sua casa de verão.

— Mas às vezes também encontram as suas bonitas casas de campo desmanchadas e até frequentemente, roubadas por outras aves.

— Roubadas?!...

— Sim, os pardais costumam fazer essa partida às laboriosas andorinhas.

— E os cucos vão pôr os ovos nos ninhos dos outros passaros.

que assim lhes chocam e criam como filhos...

— Oh! que atrevidos! Eu lhes diria, se fosse a mim que roubassem o ninho!... Ou me fizessem criar filhos alheios!...

— E que dirias tu aos homens que te apanhassem?!

— Ah! mas as andorinhas não são apanhadas, pois não?



o cuoo

— Entre nós, felizmente, são respeitadas e consideradas aves santas e de bom agoiro. Ninguém se atreve a tocar-lhes, com supersticioso receio de ter grande infelicidade. Mas há países, e entre eles o sul da França e a Itália, onde as

andorinhas são caçadas aos milhares para o comércio...

— Para o comércio? Não percebo?!

— Sim, para as arranjam como devem servir para enfeitar os chapéus das senhoras. Matam tantas, que muitas não chegam a ser aproveitadas e apodrecem aos montes. Andorinhas e muitas outras qualidades de aves são assim sacrificadas à moda, perfeitamente tôla, que leva as mulheres a enfeitarem-se com cadáveres de aves. É uma barbaridade a que deviam pôr termo, pois muito elegantes e bonitos podem ser os seus chapéus, com flores, fitas ou qualquer enfeite que não cause a dôr e a morte de tantos inocentes. E depois, não são só os passarinhos que sofrem; somos nós também, porque, em regra, as aves são úteis amigas do homem, pela apreciável qualidade de devoradoras de animais nocivos à agricultura. Uma andorinha come por dia uma média de 450 insectos. Vejam o que êstes estragariam das colheitas, e o mal que a nós próprios fariam, e já compreendem melhor como é selvagem matar uma tão graciosa àvezinha, para satisfazer os caprichos da moda.

— Que tôlas são as senhoras! Só por

causa da moda fazem morrer os passarinhos!

— Nem todas as senhoras seguem a moda tôlamente, Francisquinho: vê a mamã!... Só usa o que lhe parece razoável; não é?

— Claramente! E esta moda das penas e pássaros embalsamados é bem ridícula, pois torna as senhoras civilizadas semelhantes aos selvagens, que se enfeitam do mesmo modo para aparentar maior grandeza. Com essa perseguição às pobres aves, já bastantes espécies teem rareado por tal forma, que só difficilmente se encontram, mesmo para os museus ou jardins de aclimação.

— Bem bastava, ás lindas avesinhas inofensivas, os inimigos que teem nas grandes aves de presa, as aguias, os falcões os milhafres e tantos outros!...



FALCÃO AVE DE PRESA DA EUROPA

— disse o Francisquinho penalizado — Ainda era necessario serem as senhoras tambem suas perseguidoras!...



Quando estavam assim conversando uma campainhada forte chamou a atenção dos pequenos que foram, á porta, receber a visita esperada da Ermelinda, a pequena amiga de Leonor, que prometera jantar êsse dia na companhia dêles.

Muitos abraços e beijos, muitos risos e festa, e a Leonor foi pressurosa acompanhar a amiguinha ao quarto, para tirar o chapéu e a capa e vestir o bibe, próprio para brincar à vontade.

Depois foram para o jardim visitar as flores, que eram o encanto da Leonor; os pombinhos que viviam á vontade num lindo pombal aberto, onde livremente vinham recolher-se, e todas as dependências e riquezas da sua propriedade.

Daí foram dar volta aos brinquedos e aos livros, que Leonor alinhava com todo o cuidado na sua bibliotecazinha, mandada fazer de propósito pela sua mamã, que a decorara com bonitas flores a pirogravura, e da qual muito se orgulhava a pequena.

Só passado muito tempo é que as duas repararam que o Francisquinho, que as costumava arrelhar e impacientar, quando estavam juntas, nunca as deixando sós e fazendo tal burulhada e traquinice, que era impossível ouvirem-se, não lhes tornara a aparecer, desde que a Ermelinda entrara.

— Onde estará êle?... — dizia a Leonor. — Boa coisa não pode estar a fazer.

— É verdade! Parece que não está ninguém em casa!

— Sabes o que é? Naturalmente está por aí escondido para nos pregar um susto. Vamos ver... Mas vem de vagar e não te assustes, para lhe fazermos partida. Primeiro procura-



A GERONHA

mos aqui no quarto da mamã, talvez se metesse no guarda-fato. Às vezes faz isso...

E foram, muito senhoras de si, muito corajosas, esperando não se assustarem, quando lhes saltasse dum canto e, batendo com o pé no chão, gritasse — uh!

Mas... nada. Não estava ali. Procuraram por um lado e por outro, mas não o viram; de repente, um grito de Ermelinda fez voltar a amiga num pasmo:

— O meu chapéu!...

E olhava numa aflição para o grande chapéu branco, que trouxera de manhã com tanto orgulho e estava agora amachucado e desasado, sem o enorme pássaro de asas abertas, que poissava com toda a arte da modista hábil sobre a copa, cheia de fitas e tufos de gaze.

— É verdade! Que aconteceu ao chapéu?! Onde está o pássaro que tinhas? Queres ver que foi algum gato que imaginou que era vivo!? E não vês? Tantas penas pelo chão!

— Ai meu Deus! Um chapéu tão caro, que só pus duas vezes e de que a mamã gostava tanto! Não havia outro na loja, era modelo!... Nenhuma menina das relações da mamã tinha este ano um chapéu tão lindo!... — soluçava



BEIJA-FLORES OU CALIBRI DO BRASIL

Ermelinda, sem querer ouvir as razões e as consolações de Leonor, que estava na maior aflicção.

— Isto foi partida do Francisquinho, foi, com certeza! — disse ela comsigo.

E, deixando a amiga lavada em lágrimas,



foi chamar a mãe; pois que havia de fazer?! . . .

Mas, antes de lá chegar, encontra o Francisquinho que voltava da quinta, limpando o suor de laborioso operário, com o sachinho de jardineiro às costas.

— Ó Francisquinho — gritou ela esbaforida — que fizeste ao chapéu da Ermelinda?

— O chapéu está em cima da cama da mamã.

— Sim, o chapéu está lá, mas tu que fizeste ao pássaro?! Escangalhaste-lhe o chapéu; estás arranjado!...

— O pássaro?! Coitadinho! Estava morto! Foi aquela assassina! Pior que a peste! Podes gabar-te de que tens uma linda amiga! Uma malvada!

— Sim, que fizeste ao pássaro, dize lá, se não olha que a mamã te arranjará...

— Ora que lhe havia de fazer?! Estava morto, enterrei-o no quintal e puz-lhe umas florinhas sôbre a campa...

— Ai! que rapaz este, que rapaz!...

E a Leonor, toda apoquentada, lá foi ter com a mamã, que remediou o mal conforme pôde e recomendou ao Francisquinho que tomasse bem sentido em que há um dever social que nos obriga a respeitar os que não teem a nossa opinião e que não podemos violentar a vontade alheia, nem fazer justiça de moiro...

— É preciso convencer com razões, em vez de prejudicar com actos arbitrários.

O Francisquinho ouviu atento o sermão e com as lágrimas nos olhos foi pedir desculpa á Ermelinda, prontificando-se a acompanhá-la

a casa para pedir á mamã que lhe não ralhasse, pois só êle fora o culpado; mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de censurar a pequena amiga de sua irmã por usar vaidosamente uma coisa triste, um passarinho morto, como enfeite de chapéu!

Ermelinda ficou, parece, bastante sensibilizada com as palavras do seu amiguinho e prometeu dizer á sua mamã que não lhe comprasse mais chapéus assim, pois se envergonhava, realmente, de que a comparassem aos selvagens que se enfeitam de penas ou plumas.

— E' ser uma grande má, — dizia-lhe o pequeno — consentir que se matem tantos passarinhos tão lindos e tão úteis, só para os pôr num chapéu.

— Ó Francisquinho, mas olha que eu não matei o passarinho, nem por minha causa morreu...

— Ah! sim, mas é que, se nenhuma senhora os usasse, deixavam de os matar, não sabes? — explicou Leonor.

— Sim, tens razão! E, se o exemplo duma só pessoa fôr o suficiente para o bem dos passarinhos, eu cá por mim não os desejo usar mais.

— Pois é! Todas nós, as crianças que andamos na escola ou já sabemos ler, devemos fazer uma grande liga de bondade e protecção aos passarinhos. . .

— Vossos irmãos! . . . — sorriu a mãe.

— Pela nossa parte já está feita mas os outros meninos, que dirão?

— Uma das primeiras condições é não irem roubar os ninhos! . . .

— Pois é claro! . . . E' um grande crime contra os nossos irmãos, como diz a mamã!





A PRIMAVERA

*Vai pela estrada
Uma bandada
Alvorçada
De criancinhas...
Já pelo ar
Andam a voar
E a chalrear
As andorinhas.*

*Pelos carreiros,
Os pecegueiros
Mostram ponteiros
Boa promessa:
Na flor rosada,
Como crada
E envergonhada
Da sua pressa . . .*

*E a amendoeira,
Toda lampeira,
Sendo a primeira
Que florejou,
Na flor tão leve
Inda tem neve
Que o inverno breve
Nela nevou.*

*O verde prado,
Aveludado,
E' salpicado
De flor's singelas ;
Vasto jardim
Que lembra, assim,
Azul sem fim
Cheio de estrêlas.*

*E a pequenada,
Em revoada,
Folga alegrada
E agradecida...
Que tempo lindo,
Em tudo rindo,
Tudo florindo!...
— Que alegre a Vida!*

PAULINO DE OLIVEIRA.





Joaninha e outros companheiros

Não é uma menina, mas a sua gentileza e utilidade tornam-a bem mais querida e respeitada do que o são tantas pobres Joaninhas que por êsse mundo vivem, tristes e maltratadas.

A Joaninha, assim baptizada pelo carinho popular, tem um nome mais pomposo e científico, que no vulgo poucos conhecem: chama-se «Coccinela.» Êste é o seu nome rico, o nome que lhe foi dado pelos seus padrinhos sábios; que, de mais, êste bonito insecto, que goza, e justamente, da simpatia geral, tem muitos nomes: é *alfaiate*, *bichinho de S. João*, *boa-nova*, *raínha*, e no Brasil até a chamam *carneiri-*

nha. Este gentil coleóptero mereceu da fantasia infantil uns versinhos que lhe cantam entre francas risadas, pondo-o na mão e dizendo-lhe que abra o estojo das suas asas vermelhas com pin-



COCCINELA (bichinho de S. João)

tas pretas e dêixe sair umas lindas asinhas negras e transparentes, que são as que, verdadeiramente, a fazem voar:

“Vôa, vôa,
leva a carta
a Lisboa,

“Vôa, vôa,
rainha vôa;
vai a teu pai
que está em Lisboa.

Ou então, em homenagem aos seus benefícios ás searas, êstes:

“Bichinho de São João,
vai à arca que tem pão.”

Ou ainda:

“Bichinho de São João,
abre as portas ao leão.”

“Bichinho de São João,
vai à velha que te dê pão.”

Em Portugal, no Brasil, e em toda a parte, a Joaninha é considerada uma boa amiga do homem, sendo, como é, utilíssima à agricultura. Basta dizer que a sua única alimentação, tanto no estado de larva, como já quando está insecto feito, são os pulgões, êsses devoradores insaciáveis dos rebentos e da folhagem tenra das plantas.



Não é só a Joaninha ou coccinela que merece a nossa estima e reconhecimento, pois há muitos outros amigos que o homem deve proteger como seus valiosos e desinteressados cooperadores.

Mas, na maioria dos casos, não só os desconhece como os maltrata estúpidamente.

Foi para evitar este crime de ingratidão nos seus subordinados, que o pai do Carlinhos e da Lili deu ao jardineiro uma relação explicada dos animais úteis á agricultura, o que o fazia embasbacar.

— Aqui tem : primeiro, a *toupeira* . . .

— Que diz, senhor, então a *toupeira* é útil ?!

— Certamente. Porque a *toupeira* não é, como



vocemecê imagina, uma destruidora das raízes. Se, cavando as suas casas subterrâneas, algumas raízes corta com os seus quarenta e quatro dentes finos como agulhas, não é para as comer e sim por acaso. Êsse mal, no entanto, é tão pe-

queno, comparado com o bem imenso que faz à agricultura, devorando insaciavelmente as lesmas e outros nocivos vermes, que se lhe deve perdoar e reabilitá-la no conceito do povo, que a odeia sem razão.

É feia, isso é, mas só por êsse motivo não merece o ódio que lhe tem votado



TOUPEIRA

os ignorantes. Há muita gente feia e que nós estimamos pelas suas qualidades e merecimentos.

— Lá isso é certo, mas é que a gente não sabia o merecimento da *toupeira*...

— É para ficarem sabendo, que estou a explicar.

“Mas continuemos, sr. Domingos, que a relação é comprida. Além dos que já lhe disse, aqui tem outro, o *musarinho*, que muitos confundem com o rato, mas que é bem diferente, principalmente em um nos ser nocivo e o outro utilíssimo pela quantidade de vermes, insectos e roedores de que dá fim. É também um pobre bicho a que a ignorância dos homens tem feito passar tratos de polé, pagando-lhe com o mal tanto bem que faz.

“A crendice popular apoderou-se do mísero *rato almiscarado*, que assim lhe chamam vulgarmente, pelo pronunciado cheiro a almíscar que deixa por onde passa...



MUSARANHO OU RATO ALMISCARADO

— Ésse não conheço, nunca vi nenhum...

— Ou talvez os tenha visto e confundido

com os ratos. A muita gente acontece o mesmo. E até aos gatos, que os chegam a matar, mas depois não os comem por causa do cheiro. Mas, o *musaranho* é, como todos os que se sustentam de animais que nos são nocivos, muito útil. É preciso conhecê-lo e protegê-lo. Já lhes falei do morcego, da coruja e do mocho, do lagarto e até da cobra. Disse-lhes também os imensos benefícios que presta o sapo, que é animal pertencente a uma grande família que se chama — os batráquios — todos muito úteis por possuírem apetite devorador e a sua alimentação se fazer com vermes, toda a qualidade de larvas, insectos, e com o lódo, onde existem tantos milhares de germens de animais que nos trazem as febres e doenças sem conto. Quando completamente desenvolvidos, os batrá-

quios chegam, como lhes disse, a matar ratos e outros bichos daninhos. A esta família petence a rã, que todos nós conhecemos. . .

— Uma linda cantora. . . — disse o Carlinhos a rir

— Cantora não, coaxadora, pois à sua voz chama-se coaxar.

“Pertencem também á família ilustre dos batráquios as salamandras.

— E também a salamandra é boa?! Oh! senhor, eu fico doido! Tudo quanto tínhamos por mau os senhores agora nos dizem que é bom! . . .

Os pequenos riam a bom rir com os espantos do velho jardineiro.

— Não se admire, mestre Domingos. A ciência tem progredido sempre e cada vez mais clara é para todos, dirigindo-se á razão. Quer ver como fica convencido dos benefícios prestados pela salamandra? Já sabe, porque já lho disse e repeti, que a salamandra pertence à família dos sapos e das rãs, não é assim? Esses e outros mais parentes, que são menos conheci-



SALAMANDRA

dos e por isso escuso de os dizer, chamam-se também anfíbios, o que quer dizer que vivem tanto na água como na terra. Não são como os peixes que só podem respirar dentro de água e, em os tirando dela, morrem. E não são como os animais que vivem na terra ou no ar e que morrem debaixo de água, porque ali não lhes é possível a respiração. É verdade que êles também veem á tona de água para meter ar nos pulmões, mas com a mesma facilidade vão para o fundo ou saltam para terra,

“Os animais desta família, existentes na nossa região, são muito úteis pela quantidade de bichos que comem e criações futuras que destroem, papando lódo como quem come rebuçados. Não é isto? Ora a salamandra, sendo da mesma família e tão comilona como êles, vivendo ainda mais na água, onde se geram toda a quantidade de insectos e micróbios danosos á nossa vida e saude...

— Sim, isso é verdade... Mas esses animais não deitam veneno?

— Expelem um líquido irritante, que poderá ser venenoso para outros animais, mas que nenhum mal nos pode fazer, se não lhes tocarmos. Não é assim?

— Pois seja isso a verdade. O que lhe digo, meu senhor, é que nunca imaginei que as coisas fôsem assim como agora vejo. O que os senhores que lêem livros nos contam é exactamente o contrário do que nós antigamente imaginávamos. Fôsem lá dizer a meu pai que a *salamandra*, o *lagarto* e o *sapo* eram bons!...

— E todos os outros que já disse, sem falar



MELRO

nos passarinhos em geral, que tão proveitosos nos são e tanta alegria nos dão com o seu canto; todos são uteis uns mais do que outros, mas todos tanto, que me parece um verdadeiro crime a morte de qualquer que seja. De mais a mais, para que matar as lindas àvezinhas, se nem ha

a desculpa de que nos sirvam para a alimentação, tão pouco teem para nos dar de comer!...

“A sua caça deve ser totalmente proibida, porque o mestre Domingos bem compreende que, para um ou outro selvagem se divertir, fazendo o mal pelo mal, os outros não devem sofrer as consequências. Essas consequências são o ar empestado, os frutos perdidos, a agricultura soffrendo.

Nisto o Carlinhos, e a Lili vieram correndo e gritando animados, porque tinham podido apanhar entre os dedos um escaravelho doirado, que andava pelo jardim.

Mal atentou no que os pequenos lhe mostravam, o pai mandou-os imediatamente largar o bicho, que lançava pela boca e pelo ventre um líquido negro e fétido.

— Isso não se mata, meninos. É um escaravelho, um dos coleópteros úteis...

— O sr. Domingos sabe o que quer dizer coleóptero? — perguntou o Carlinhos.

— Não, meu menino, não sei!

— Pois sei eu, aprendi ontem. Significa que tem as asas metidas num estojo. Não vê esta casca muito dura que elle tem? Abrem-na para voar e de dentro é que saem as verdadeiras asas

que lhe servem para o vôo. Não é assim, papá?

— Isso também eu sabia — disse a Lili com um arzinho de desprêzo pela sabedoria do irmão.

— Mas eu também não perguntei à menina!

— Bom, lá temos o «João Ganchinho e a mulher...» — disse-lhes rindo o velho Domingos, que os vira nascer e lhes queria como a netos ou filhos seus.

— São insuportáveis com as suas teimas! Mas vamos nós cá á nossa lição. — O escaravELHO é um comedor gulosíssimo de todos os insectos, lesmas, caracois, lagartas, etc. Não só

depois de formado, como no estado de larva.

— Agora diga lá, já que é tão sábia, o que quer dizer estado de larva? — perguntou o Carlitos triunfante à irmã.

— Isso sei eu perfeitamente...

— Sabe? Então diga lá.

— Sim, eu sei, é antes de serem animais...



BORBOLETA E LAGARTA DA COQUE

— Essa agora ! . . . — O Carlos ria a bom rir, o que já estava fazendo encavacar a irmãzita.

— Bem, já que sabes, dize lá tu o que é

— Ó papá, eu sei. Os insectos sofrem diversas transformações antes de serem perfeitos, como nós os vemos. Antes de terem asas, são uns bichos sem graça . . . chamados lagartas . . .

— Sim, sabes mas não podes explicar, é o que succede à Lili.

“Os insectos nascem dos ovos, tal qual como os batráquios, os reptis e os peixes . . . Não são só as aves que teem ovos. Ora, quando nascem, são uns vermes horrendos, cheios de um apetite voraz, e não teem outra obrigação senão de o satisfazer. Comem então pelo presente e pelo futuro, pois a larva tem que juntar força e matéria para depois gastar com a transformação em insecto. Aqui é que bate o nosso ponto. Se este animal tem por alimentação os vegetais, é um inimigo a combater sem piedade. Se pertence à categoria dos carnívoros, quer dizer, se êle se alimenta comendo insectos nocivos à agricultura, é um amigo a proteger e estimar, deixando-lhe toda a liberdade de acção, porque êles lá se entendem para comer os nossos inimigos. Aqui temos, por exemplo, o *escaravelho*

e a *coccinela*, dos quais já tratamos, que devem ser colocados no rol dos amigos. O *besouro*, as *lesmas*, o *caracol*, todas as espécies de lagartas, os *ralos*, os *gafanhotos*, devem ser tidos como abomináveis vizinhos que devoram e estragam tudo quanto lhes fica ao alcance. Todos nós temos ouvido falar na praga



GAFANHOTO

dos gafanhotos, não é verdade? Vem na Bíblia e os prègadores não poucas vezes se referem a ela como uma das pragas que foram mandadas ao Egito para castigar aquele povo, por ter escravizado os judeus...

— Ah! os *saltões*, êsses são mesmo uma peste! Dum dia para o outro — já vi no Algarve, meu senhor — os campos ficarem como se chama os tivesse lambido. E o céu coberto dêles como uma nuvem negra! Metia horror!

— São dos piores inimigos que tem a cultura! Veem trazidos pelos ventos da África, já para lá arrastados do Oriente, mas podem levantar-se de toda a parte como um exército aguerrido e invencível, porque cada gafa-

nhoto fêmea põe milhares de ovos. Às vezes estes ovos encontram-se em pinha, aos milhões, e de cada ovo sai um gafanhoto. Estes ovos são depositados no solo, introduzidos na terra com uma espécie de ferrão que a fêmea tem na extremidade do corpo. Quando chega o bom tempo, desenvolvem-se rapidamente e não admira que sejam às nuvens, até encobrirem o sol, como o sr. Domingos viu. Quantos cultivadores não tem ficado arruinados, e regiões inteiras perfeitamente a morrer de fome por causa desses malditos! Tenho uma prima que ficou pobríssima por causa dos gafanhotos. O pai tinha uma fortuna regular e empregou-a na plantação de cana de açúcar.

— Mas isso não foi cá, pois não, papá?

— Então vocês não sabem que a cana de açúcar não se dá no nosso país, a não ser na ilha da Madeira? Já lhes tenho explicado isso bastantes vezes, e já o leram nos livros.

— Vem no livro que me deram de prémio no primeiro exame...

— E' verdade, vem na "Minha Pátria"...

— O meu primo vivia em Zambales, nas Filipinas, e empregou todo o seu capital numa enorme plantação de cana, que estava linda. E

numa noite os gafanhotos deixaram-no na miséria! Devoram tudo, até o tronco duríssimo das árvores!

— Que malditos! Nunca mais hei de proteger um *saltão*, como ainda o outro dia fiz...

— comentou a Lili pezarosa.

— Todos os anos se fazem verdadeiras campanhas, mobilizando-se soldados para matar gafanhotos, tanto no nosso país como na Espanha. No Brasil é o vento da Argentina que os arrasta. É uma verdadeira peste!

— É claro que do lado dos nossos amigos, como dos nossos inimigos, há muitos outros combatentes, que não digo agora, porque são horas do almoço e o sr. Domingos também tem que fazer; mas não quero deixar ainda de lhe falar num outro amigo que me lembrou agora: é o *pirilampo* ou vagalume, o agradável *pirilampo* que brilha como uma estrelinha entre as flores, quando as noites são mais formosas e tépidas. Este amigo é tanto mais digno do nosso affecto, quanto a sua benéfica acção se realiza de noite, ao contrário do que acontece com os outros caçadores. Como se encontra munido duma luz própria, vê muito bem as lesmas, os caracois, as lagartas, de que se ali-

menta tanto no estado de larva como no de insecto perfeito. Podemos chamar-lhe o guarda nocturno dos nossos jardins e campos. . .

— Ó papá, e quando os pirilampos que nós apanhávamos deixavam dinheiro debaixo dum copo onde ficavam de noite?!

— Era a mamã que lá o punha, não era, papá?

— Era sim, vocês bem vêem que um pequenino insecto não podia fabricar dinheiro como a casa da moeda.

— E a Lili acreditava!... Deixa-me rir! — troçou o Carlos.

— Ah! eu bem sabia que era a mamã, mas achava graça em apanhá-los e metê-los no copo.

— E no outro dia apareciam mortos!... Não é bonito?!

— Pois se a brincadeira dava êsse resultado, não a devem repetir, porque é ser ingrato molestar os nossos bemfeitores. Felizmente o pirilampo, como é bonito, não é odiado! E não deve sê-lo; pelo contrário, protegido e muito é que será, logo que todos os meninos saibam como é útil para nós e para as nossas coisas. E por hoje ficamos por aqui, para não aborrecer o mestre Domingos.

— Isso sim! Até parece que se me abre uma alma nova, ouvindo tantas coisas que nem sequer me passavam pela cabeça! Como as podia eu saber, se não sei ler nem escrever, e nunca ninguém mas disse!

— Pobre mestre Domingos, como deve ter passado uma vida aborrecida, sem ter podido decifrar num livro as palavras que lhe trariam conhecimentos e tanta alegria e distração! Nem ao menos poder ler o nome das suas plantas!..

— Ainda quando era novo, passava, não me fazia tanta pena. Á uma, muita gente era assim brutinha como eu e não nos envergonhávamos tanto, por sermos todos iguais; à outra, tinha mais distração, com a viola, com os amigos, pelas festas, sempre deabalada! Mas agora... velho e cansado, seria tão bom para mim poder passar umas horas do serão ou de descanso a ler algum livro que me desse gosto, algum jornal que falasse cá nos meus trabalhos, algumas histórias bonitas... Quando vejo estas criancinhas, uns cinco réis de gente, que ainda o outro dia nasceram, desembaraçaram-se a ler um livro, como uns senhores grandes, até me parece mentira... Digo mais, até tenho vergonha. Eu, um velho, que nada sei...

— Ó Domingos, não diga isso; vocemecê sabe muita coisa que eles não sabem, que eu mesmo não sei. A prática é também um grande mestre e só ela completa o estudo dos livros. E, já que acha tarde para aprender a ler, ajudará a sua prática com o que eu lhe puder dizer de útil e claro.

— Pois é o que eu quero: não podendo ser mais, desejo saber que isto é bom por este motivo e aquilo é mau por aquele. . .

— Havemos de fazer assim, deixe estar. E por agora terminemos, que o almoço espera. Até amanhã, mestre Domingos.

— Até amanhã, meu senhor.

— Até logo, até logo — gritaram as crianças, dizendo adeus já de longe.





PANTERA

Pantera é um nome que só por si faz calafrios, pois não é? Quem o ouve, pensa logo com terror nesses grandes animais felinos, mosquidões de cores vivas, que deslizam e saltam com pasmosa agilidade nas altas florestas ou entre os canaviais, nas margens dos rios da África e da Ásia, ladrões descarados e valentes, que não teem o menor rebuço em entrar nas habitações humanas para arrebatam crianças ou tímidos animais domésticos. Os portugueses que não tenham saído da sua cómoda e segura Pátria, nem lido as histórias de viagens e livros de zoologia, também de todo os não desconhecem, por certo, porque inúmeras gravuras teem vulgarizado a sua brilhante pele luzidia, o seu corpo elás-

tico e elegante, a sua cabeça terrível de fera sem piedade, quer chamando-se leopardo, quer pantera ou tigre, ou sejam da mesma ou de família diferente, em todo o caso bem irmãos aos nossos olhos inexperientes.

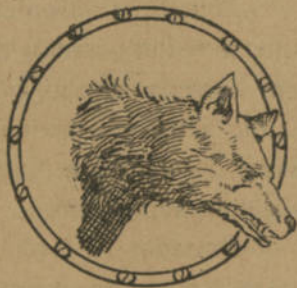
Mas a Pantera de que falo não pertencia a tão ruím casta, antes era o mais fiel e nobre animal que se tem visto.

Já perceberam que era uma cadela, que assim se denominava, porque é fé no povo que os cães com os nomes de feras redobram de bravura e por isso se fazem mais temerosos guardas e caçadores impávidos, assim como corre a lenda de que os cães que teem nome de rio se não poderão nunca danar; mas, já se sabe, isto são crendices do povo a que se não pode dar fé

Pois a nossa Pantera era linda, e, sendo brava até à fúria selvática, era ao mesmo tempo fiel e dócil, como animal inteligente, que sempre mostrou ser. Muito branca, tinha no dorso, como se fôsse um selim, uma larga mancha negra; o focinho também o tinha branco, com malhas pretas. Era forte, bastante alta, e com uns dentes pouco convidativos para os ratoneiros que à noite tentassem saltar o muro para roubar qualquer fruta ou hortaliça do quintal.

Passeava com serenidade de soberana por todo o recinto confiado à sua guarda, e era tão feroz para os intrusos que muitas vezes, ela e o filho, o Tigre, com dois puxões partiram ao meio pobres cãeszitos que entravam surrateiramente em busca de abrigo ou comida.

Nunca homem armado de pau se pôde chegar á porta; guarda fiel e vigilante, para toda a parte iríamos sem medo, se a Pantera nos seguisse. É que nas suas veias corria sangue dos lobos da Estrela, e, se dos cães herdara a fidelidade e o reconhecimento para com os donos, dos seus ferozes avós lhe viera o instinto carniceiro e a sanha na luta.



O LOBO

Mas o que ela era como animal inteligente e raciocinador, prova-o mais do que todas as palavras o facto que esta história vem divulgar:

“A Pantera pertencera a uma bondosa senhora que a tratara sempre muito bem e por isso se lhe afeiçoara, como só os bons caracteres o sabem fazer. Ora por infelicidade esta

senhora, que era viúva, morreu e não deixou ninguém que a substituisse em casa. As filhas tiveram que entrar para o colégio, e, para que a Pantera não ficasse entregue aos desmazelos dos caseiros, foi-nos entregue com o filho. Todos cuidaram que se esqueceria depressa dos antigos donos, mas tal não sucedeu; nos primeiros dias andava como parva, não querendo comer e fugindo de todos, procurando por toda a parte qualquer coisa que lhe faltava.

“Pouco parava no canil e toda a angústia de que se sentiu possuída a sua alma a manifestava em correrias loucas por todas as casas, fazendo sempre e gemendo por vezes, num tal uivar desolado que punha os cabelos em pé aos vizinhos supersticiosos.

“Passados bastantes dias houve a feira na terra e, como de costume, muita gente da aldeia veio tratar dos seus negócios à vila, aproveitando o ensejo para ir visitar a nossa família. Ao ve-los, a Pantera ladrava de satisfação, abanando a cauda; faltava-lhe pouco para falar, porque os olhos exprimiam toda a sua alegria.

“Sabendo que os cães são muito amoráveis e difficilmente esquecem os antigos amigos, preveniu-se tudo, para que a Pantera fôsse bem guar-

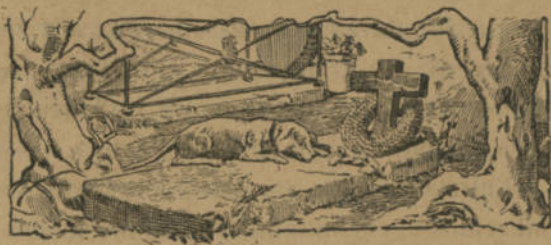
dada nesse dia ; mas, por mais precauções que se tomassem, na manhã seguinte tinha desaparecido. Foi uma desolação. O pequeno Tigre, abandonado pela mãe, bebia sofregamente o leite que lhe davamos e agasalhava-se a tremer nos braços das crianças, que choravam, queixando-se amargamente da pouca vigilância dos criados, como da ingratidão da Pantera.

“Entretanto tinha ela corrido atrás dos seus conhecidos e, encontrando o caminho, foi como um raio, sem olhar a coisa alguma, sem pensar em comer ou descansar, até à aldeia onde lhe decorrera a mocidade e que distava cinco leguas da vila.

Chegou lá esbaforida, a língua de fora, arquejante, meia morta de fome e fadiga ; mas não se deteve nem escutou as vozes conhecidas que de todos os lados a chamavam. Bateu à porta, rapando furiosamente com as unhas, ganiu e ladrou protestando a sua mágua, mas respondeu-lhe sómente o silêncio e a indiferença das coisas, tão grande para a dôr de um cão como para a de uma pessoa.

“Andou para traz, andou para diante; raspou a todas as portas, farejou, farejou, como costumam fazer os da sua raça para encontrar uma

qualquer pista; depois, súbitamente, como quem se recorda, foi a correr até ao cemitério e de um pulo galgou o muro, que não era alto, indo



caír, sem hesitar, extenuada e gemendo sôbre a campa da sua dona.

Como que reconhecendo que não era possível tornar a ver quem tanto estimara, saiu tristemente e percorreu de novo o mesmo caminho. Dois dias depois apareceu em casa, quasi morta de fome e de cansaço, fazendo grande festa a todos e lambendo o filho que lhe saltava ao focinho, louco de alegria.

Viveu largos anos, criou e educou muito bem o seu Tigre, que foi como ela um valente guarda, e morreu, já muito velha e trôpega, rodeada do affecto que sempre mereceu.



*A raposa, que tem fama
De ser a astúcia em pessoa,
Saíu-se uma vez com esta :
— Que, como vão ver, é boa.*

*Todo o dia em vão andara,
Com suas artes matreiras,
Por moínhos e casais
A rondar as capoeiras,*

*Os milhanos não perdiam
Frango a jeito e desgarrado;
Quanto a galinhas e pintos
Tudo andava bem guardado.*

*Calculem que fome negra
A raposa não teria,
Sem ter comido migalha
Todo o santíssimo dia!*

*Ia ela pela estrada,
A parafusar na ideia,
Quando acaso deparou
Com um galo de mão cheia,*

*Que estava sósinho, em cima
De um sobreiro bem copado
Como que a ver quem passava,
Muito bem empoleirado.*



*Vendo a raposa ladina,
Num instantâneo relance,
Que ele, como certas uvas,
Lhe estava fora do alcance,*

*Usou dêste estratagema
Aquele grande diacho:
Pôs-se com falinhas mansas
A dizer-lhe cá de baixo:*

*"Sabes que veio uma ordem
Para que os ódios antigos
Cessem entre os animais,
E sejam todos amigos?"*

*"Olha, até já entre nós
E os cães há trégua geral...
Podes vir cá para baixo,
Que eu já não te faço mal."*

*Nisto, vindo-lhe no rastro,
Uma matilha de perros
Vendo a ladra da raposa
Botaram-se a ela aos berros.*

*A raposa, apavorada,
Foi fugir, a bom fugir...
E o galo, lá no sobreiro,
O que fazia era rir.*

*Correm os cães atrás dela,
Vão-na já quási a agarrar,
E o galo, todo escarninho,
Põe-se de lá a gritar:*

*"Mostra-lhe a ordem, manhosa,
Mostra-lha já, sem demora!..."*

*E a raposa, já bem longe:
"Não tenho vagar agora!..."*

Paulino de Oliveira





O CÃO E O BURRO

(Dialogo)

Havia uma vez um pobre burro, velho e doente, que se fartava de andar à nora, tirando água para uma horta.

Há quantos anos andava de olhos vendados, caminhando léguas em volta daquele poço, nem já sabia!

Sentia-se velho e cansado, e, com os anos, viera-lhe a amargura do pensar — porque sempre os velhos pensam coisas mais tristes do que os novos.

Encontrando-se um dia com o cão, seu companheiro e amigo de largo tempo, falou-lhe assim:

— Que me dizes, compadre cão, será eterno êste meu lidar em volta de um poço, a tirar eternamente a mesma eterna água?

— Que te direi, caro burro, senão que peças á tua boa sorte, que assim seja por largos anos?

— O quê?! Então não hei-de descansar um dia?!

— Não penses nisso. Descansar, só quando perderes a vida.

— Não me digas tal, que me desanimas de todo!

— Enquanto poderes trabalhar, enquanto fores útil, considera-te feliz. É o que eu te sei dizer.

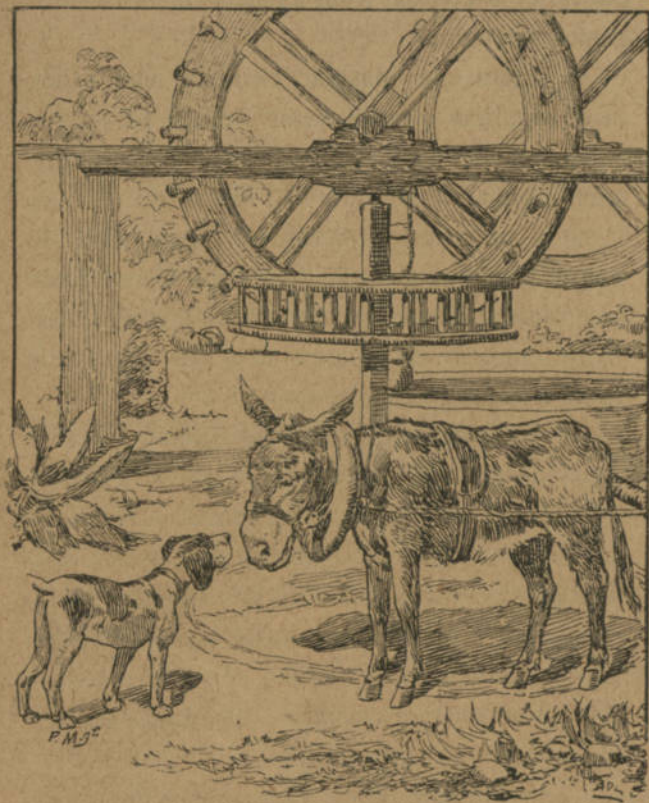
— Feliz?! Queres que me considere feliz, trabalhando desde que rompe o sol até que se põe?! Ah! triste sorte a minha!

— Lamentas-te por trabalhar? Que louco és! Ainda te has-de lamentar mais, quando já nada puderes fazer.

— Não posso ouvir tal!... Para que nasci eu burro, Senhor?!

— Mas tu imaginas que és a única criatura que trabalha cá neste mundo?

— Outros também, tão desgraçados como eu, trabalham, bem sei! Mas há alguns bem felizes que nunca souberam o que isso seja...



— Que me dizes, compadre cão...

— Mais ou menos, todos trabalham e todos, podes ter a certeza, tem as suas aflições e desgostos a lamentar.

— Queres-me consolar, bem sei, mas o que vejo, ninguém o pode negar. Repara ali para a capoeira, vê se aquelas madraças das galinhas tem algum trabalho! E não são só elas, são os frangos, os patos, os perús, toda essa inútil bicharada, que vive comendo à tripa-fôrra e nada fazendo! E tu mesmo, compadre e amigo, deixame também ser franco, tu o que fazes que te dê a canseira que eu tenho?

— Certamente que não trabalhâmos a tirar água de um poço, mas nem só puxar a nora é trabalho. É certo que as galinhas nada fazem, mas sabes porque são bem tratadas, fartas e agasalhadas? É porque são úteis aos donos, tanto ou mais do que tu. Põem ovos, que são uns dos melhores alimentos dos homens, são mortas para a sua alimentação e os filhos que criam com desvelo tem o mesmo destino.

— Realmente não é uma sorte muito invejável. . . Mal por mal, antes a minha.

— Ah! já sabes?! . . . Pois a minha, que tanta cubiça te causa, sabes se é melhor? Conheces o motivo por que sou bem tratado e querido?

É porque tenho préstimo, ainda que o duvides. Guardo a casa e a quinta, acompanho o meu dono, brinco com as crianças, sou para o homem o mais fiel e agradável amigo da criação. E, quando não prestar para nada, quando, velho e doente, já não servir para isto e só meta repugnância, sabes porventura a sorte que me espera?... Talvez me matem por dó. Quando muito, afastar-me-hão do seu convívio, meter-me-hão nalgum asilo onde me consuma de tristeza e saudade.

— Também o teu futuro é pouco risonho, na verdade, amigo cão; e, sendo tu tão inteligente, porque não foges?

— Para quê? Não me tratam mal... trabalhar é o destino de todos...

— Nem de todos. Há outros mais felizes. Os canários que cantam no viveiro e nas gaiolas, trabalham porventura? Servem para guardar seus amos, puxam à nora, ou servem para ser comidos pelos homens?!

— Não. Para nada disso prestam, mas servem para luxo e regalo dos donos. Se não fôsse isso quem os sustentaria e os teria em casa com tantos mimos e cuidados? Para prova do que digo sempre te conto um caso que vi:

— Um dia o nosso patrão teve de presente um bonito canário que guardava com orgulho numa bela gaiola. Disseram-lhe que era de boa raça, e por isso o tinha rodeado de carinhos. Mas o canário, não sei por que motivo, não cantava nada. Levaram-no para o pé dos outros para aprender, deram-lhe gulodices para amaciar a voz; por mais que lhe ensinassem, só uns tristes pios saíam da sua garganta infeliz. Quando reconheceram isto, sabes o que lhe fizeram?

— Mataram-no?

— Não... para quê? Só os homens malvados matam por crueldade. Os outros matam, quando nisso teem utilidade, e já vês que o canário para nada serviria.

— Então que lhe fizeram?

— Abriram-lhe a gaiola e deixaram-no voar.

— Oh! isso foi muito bom, tomara eu!

— És tolo. De que te serviria a liberdade, sem saberes trabalhar sósinho, sem te poderes governar? Deram a liberdade ao canário, mas não foi para lhe fazerem favor, foi para se livrarem dele. E cuidas que poderá ter vivido muito? Qualquer gato ou ave de rapina o apanhou logo, se não morreu de fome por aí. Não estando educado para trabalhar, nem conhe-

cendo o mundo, abrirem-lhe a gaiola, não foi ventura, foi desgraça!

— Pelo que me dizes, vejo que todos os animais que vivem ao pé dos homens são infelizes. Não há nada que valha mais do que ser homem — pois só ele não trabalha!

— Não sejas tonto. Em tudo quanto dizes mostras a tua ignorância, a tua cabeça de burro! Os homens trabalham muito, os homens fizeram da vida uma coisa boa, mas à custa de muito trabalho e sacrifícios sem conto.

— Mas ha alguns que não trabalham, eu sei. Apesar de ser estúpido, conheço isso.

— Ha, sim, tens razão. Ha, realmente, alguns homens e mulheres completamente inúteis, que vivem do trabalho alheio só para tornar mais difícil e miserável a existência dos outros. Mas não vem longe a hora em que lhes será feito o que o nosso amo fez ao canário inútil. Então, entregues a si próprios, se quiserem viver, terão que procurar no trabalho o sustento e o bem estar. Tudo quanto não trabalha não tem direito à vida, mas trabalho é todo o esforço útil para um fim superior. Só um burro, como tu, pode supor que só é trabalho puxar à nora. Quem lê e estuda faz um esforço tão grande, ou maior, do

que os que trabalham materialmente. A prova é que os sábios, os artistas e todos os que trabalham intelectualmente envelhecem mais depressa e morrem mais cedo do que os que trabalham só materialmente. E' preciso ser ignorante, ser o que tu és, um burro, para não compreender isto. Sem a direcção das inteligências superiores a humanidade não teria nunca saído do estado selvagem e primitivo em que ainda se encontram algumas raças, mais perto dos outros animais do que do homem civilisado.

— Dizes essas coisas porque andas sempre junto dos homens e ouves os seus discursos. Se estivesses, como eu, amarrado ao trabalho, já não falavas dessa forma...

— Estás enganado! E fica sabendo, meu caro, todas as vezes que os burros, como tu, pensam em se libertar da direcção superior dos homens com inteligência e razão clara, a civilisação recua muitos séculos. Cada qual no seu lugar é que está bem. Compreendeste?

— Não sei!... Parece-me que sim.

Um sermão do Senhor Cura



(PARA REPRESENTAR)

PERSONAGENS :

Guilherme } Rapazes de 10 a 12 anos
Filipe }

(À beira dum caminho, Filipe está deitado à sombra duma árvore. Sujo e desmazelado como um pequeno vândio, espreita a rêde que armou aos pássaros dentro da propriedade, que tem por vedação um pequeno muro. Guilherme vem entrando, limpinho e alegre, assobiando ou cantarolando, com a saca dos livros de estudante).

Filipe (erguendo-se) — Psiu!... Não me assustes a caça, olá!... Ah! És tu, Guilherme?! Para onde vais tão cêdo?

Guilherme. — Muito cêdo é que não é. Vou

para a escola, então para onde queres tu que eu vá?!

Filipe. — O quê?! Então tu, um rapaz tamanho, ainda vais à escola?

Guilherme. — Pois é claro que vou. Fiz o primeiro exame, e já agora quero fazer o segundo.

Filipe. — Para quê?

Guilherme. — Olha que pergunta! Para saber mais, para ter conhecimentos que me hão de servir durante toda a vida, e para melhor aprender o meu ofício. É preciso trabalhar...

Filipe (rindo de troça) — Trabalhar?!... Que tolo és! (natural). Olha lá, tu não foste no domingo ao sermão do Senhor Cura?

Guilherme. — Não fui. Tínhamos ido todos lá da escola dar um passeio à serra para ver pôr o sol...

Filipe. — Ora, ver pôr o sol! Olha que grande coisa, isso vê a gente todas as tardes!

Guilherme. — Vemos; mas não sabemos porque se põe e se ergue todos os dias; porque é mais quente no verão que no inverno, nem porque a lua está umas vezes cheia, outras minguada, outras não se vê... nem o que são as estrelas... e a senhora professora explicou-nos isso tudo muito bem.

Filipe (rindo): — Olha, olha, olha!... Que grande coisa! O sol é o carro de chamas de Nosso Senhor. A lua tem um leão a come-la. As estrelas são as candeias que alumiam o trono do Senhor...

Guilherme (sério): — Olha, tu não digas esses disparates, que toda a gente se ri de ti. Aposto que também dizes que a lua tem uma cara?!.

Filipe — E tem, sim! Era um homem muito herege, que foi apanhar vides ao domingo e Nosso Senhor mandou-o para a lua, para exemplo.

Guilherme (rindo) — Ah! ah! ah!... Agora me rió eu! Então tu não sabes que aquelas manchas são as sombras das montanhas que ha na lua?!

Filipe — Montanhas na lua?... Nessa não me fio eu!

Guilherme — Pois então não te fies! Deixa-me lá ir, que preciso trabalhar muito para êste ano dar conta do meu exame.

Filipe — Ah, por trabalhar! — era sôbre isso que eu te queria falar no sermão do Sr. Cura. Aquilo é que foi bom!...

Guilherme — Então, dize lá depressa o que foi, que tenho que fazer.

Filipe (com intimativa) — Sabes o que disse? Disse assim: (imitando). "Para que anda a gente a matar-se? Para que serve essa ambição de trabalhar?... Deus não manda a gente trabalhar, porque até disse: "os passarinhos do céu não ceifam nem semeiam e não lhes falta sustento, e os lírios também não fiam nem tecem e têm mais lindos vestidos que Salomão..."

Guilherme — Quem é esse Salomão? É o rei sábio dos judeus?

Filipe — Isso não sei! Naturalmente algum janota que tinha muitos fatos...

Guilherme — Mais do que tu, com certeza, que andas para aí um desmazelado...

Filipe — É que ele era rico e eu não sou.

Guilherme — Mas se tu trabalhares também poderás ser rico, porque o mundo é nosso, é de todos os que trabalham!...

Filipe — Fia-te nessa! O mundo é de Nosso Senhor, que dá muito aos ricos e aos pobres não dá nada, porque assim o entende e quer.

Guilherme — Está bem; dessa maneira não se podia fazer nada!... É Nosso Senhor que é justo, deixava de o ser. Foi então isso, que prégou o Senhor Cura?!

Filipe — Não; disse muita coisa que não

percebi... e disse mais: que Deus é que olhava por nós, e então que não nos andássemos a consumir e a arranjar cama no purgatório...

Guilherme — É boa essa! Pois olha, a minha professora não me ensina nada assim. Está sempre a dizer-me: (imitando a professora): “Guilherme

estuda, trabalha, para seres um homem. Olha que a tua maior riqueza é a que tiveres adquirido com o estudo. Um homem ou uma mulher que não trabalham são seres inúteis e prejudiciais à sociedade, pois só servem para comer o que os outros ganham... São como a grama na



terra, que enraiza e se alastra e abafa as plantas e esgota as terras onde nasce. É uma praga... (voz natural). Ora eu que sei o que é êsse inferno dessa erva que tem dado suores ao meu pai para a arrancar da Fonte da Talha. não me quero parecer com ela, percebes?!...

Filipe (zangado e gesticulando) — Mas então tu queres comparar o que diz uma mulher com o que diz o Sr. Cura?! O' Guilherme, tu não es-

tás bom do miolo! Olha que a minha avó diz sempre: “que ninguém sabe tanto como os senhores padres porque lêem os livros de letra encarnada!”

Guilherme (formalisado) — Deixá-los ler, mas a professora sabe muito bem o que diz.

Filipe (rindo descompostamente) — Uma mulher, uma mulher saber mais do que um sacerdote!... Ah! ah! ah!... Deixa-me cá rir!...

Guilherme (zangado) — Olha, sabes que mais? Deixa-me em paz! Que tem lá que seja uma mulher?! Se não soubesse não a punham cá como professora.

Filipe (arreliado) — Ah, sim! É muito boa a tal escola, ensinam lá boas coisas!... Por isso o Sr. Cura dizia no sermão: (imitando o prégador) “Essas escolas do diabo! O que é essa coisa que chamam sciência senão vaidade dos homens?... Antes ser ignorante do que aprender tais heresias! Já o disse Nosso Senhor “bemaventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus...” (natural) E disse muito mais coisas. Já vês que vale mais não saber nada



do que ir para o inferno. A gente anda muito pobrezinho cá por baixo, mas depois vai para o céu e tem tudo quanto é bom! . . .

Guilherme — (encolhendo os ombros, com um sorriso de superioridade). Pois sim, será isso! Como te contentas assim, está bem. Mas deixa-me ir embora, que é tarde. (Deita a saquinha para as costas e dispõe-se a ir embora).

Filipe — (embargando-lhe o passo, furioso). Não, não! Agora é que me hás de responder ao que te disse. — (riso irónico) — O que dirá a tua professora a isto?

Guilherme — (voltando-se para trás e pegando-lhe num braço, com vivacidade) — O que diz?! Dize tu primeiro o que estavas a fazer aí?

Filipe (espantado) — Que pergunta! Tu não vês a rede de armar aos pássaros?!

Guilherme — E o Sr. Cura não te disse o mal que estavas a fazer? Não te disse “que se não deve fazer aos outros o que não queremos que nos façam a nós?!” O Sr. Cura não te disse que é um pecado tratar mal os animaizinhos, principalmente quando eles são os nossos guardas e os nossos bemfeitores?! (com desprezo, voltando as costas para se ir embora) Pois a minha professora ensinou-me isso!

Filipe (furioso, agarrando-o). — Então é algum mal apanhar os pássaros, que são os ladrões das searas, êsses malditos que comem azeitonas,



depenicam a fruta, e comem tudo?! O qué tem o Sr. Cura com os pássaros, dize lá, anda!

Guilherme (com paciência). — O Sr. Cura devia ensinar: "que os passarinhos são um grande

benefício para o homem; sem êles, morreríamos de fome, com todas as colheitas devoradas pelos insectos; as árvores secavam e nós tínhamos doenças causadas por esses inúmeros animais quási invisíveis. Emfim, fica sabendo que a causa das maiores doenças da gente é a falta de ar puro, e que os pássaros o purificam na sua constante caça de insectos, aranhas, lagartas, larvas, etc. O que valem meia dúzia de grãos comparados com os insectos que destroem? Fica sabendo: por cada grão de trigo, que comem devoram vinte insectos, e cada insecto destruiria o valor de cem grãos!... O Sr. Cura diz à gente que não trabalhe; mas os passarinhos trabalham sem descanso para pôderem viver e terem os filhos bem agazalhados nos seus ninhos... O Sr. Cura não te ensinou a respeitar e amar os animais como nossos irmãos?!...

Filipe — (furioso). Mas nós não somos animais!...

Guilherme — Então o que somos?! (rindo) Minerais?... Tu és um calhau?... Vegetais? Tu és alguma árvore ou algum repólho?...

Filipe (desesperado). Somos criaturas de Deus! Temos alma!... Somos senhores da criação. Podemos matar tudo!

Guilherme — (sério). E então?! O Sr. Cura ensina-te isso? Não acredito! Pois a minha professora ensina-me: “que tudo quanto existe tem o mesmo direito de viver e ser feliz.” Porque nós, Filipe, ouve bem, nós não somos mais do que os outros seres da criação. Somos uns animais superiores aos outros, porque raciocinamos... Mais nada, mais nada! Sabes qual é a lição de hoje?... (abrindo o livro, que tem tirado da mala, lê) “Sêde justos e bons, laboriosos e avaros da vossa liberdade. Aprendei a conhecer o mundo e nele não vejais senão a harmonia e a simplicidade grandiosa da Natureza. Deus está dentro de nós: Deus é a nossa consciência. Quanto mais bela a tiverdes, mais belo é o vosso Deus, mais formosos os vossos ideais!...” (fechando o livro) Isto é muito maior e mais bonito! Hoje é a minha vez de ler alto na escola; se queres ouvir vem daí comigo...

Filipe — (indeciso, olhando pelo muro para dentro da propriedade) É a rede?... Ah! lá vai um tentilhão ao visco!...

Guilherme — (afrito, corre também a debruçar-se no muro) Coitadinho, vai morrer!

Filipe — (batendo as palmas, espanta-o). Eh, eh, maluco, olha que é a prisão, vai-te embora!...

Guilherme — (satisfeito) Ainda bem, aquele lá se foi! Quem sabe se será o pai?!...

Filipe — (pensativo) Talvez fosse a mãe... pela pressa que tinha de levar o comer aos pequenitos!...

Guilherme — (decidido) Bom! Isto é de mais! Agora é que me vou embora, ha de ser muito tarde.

Filipe — (um pouco tímido). Eu vou contigo para ouvir essa história... mas espera... vamos desarmar a rede... pode cair algum passarinho...

Correm os dois para saltar o muro. Cai o pano.





O TÍTULO do LIVRO

— Chama-se a êste livro “Os nossos amigos” mas tambem se lhe podia chamar “Os nossos irmãos”, porque todos/ somos filhos da mesma boa e carinhosa mãe.

— Mas que *boa mãe* é essa, se em todo o livro pouco se fala de mulheres e de mães?!

— E no entanto, é sempre dela, da boa, justa e carinhosa mãe, que se trata em todas as suas páginas.

— Não compreendo!

— A *boa mãe* de nós todos! Não é uma mulher de carne e osso, que chore ou ria consoante a sua própria felicidade ou a dôr, sujeita como nós a adoecer, a estar aborrecida uns dias, outros alegre, a sofrer e a morrer.

“É a *boa mãe*, eterna e sempre moça, que nos deu a vida, que nos alimenta, que nos veste,

que nos dá o ar que respiramos, a água que bebemos, os frutos com que nos alimentamos; que nos dá as flores, as árvores sombrosas, os ribeiros e rios correntes, o mar majestoso... Foi ela que levantou as montanhas, cavou as planícies, fez derivar as torrentes e tudo generosamente distribuiu, sem olhar a quem, magnífica e bela na sua inconsciência de pródiga.

— Cada vez compreendo menos... Não pode haver assim ninguém tão poderoso e tão admirável!

— Não ha outra, é a Natureza, a boa e sábia Natureza, que, na sua impassibilidade augusta, tudo harmoniza e embeleza, que mesmo no extremo horror se mostra grandiosa e sublime.

“Quantas vezes o homem, na sua estulta vaidade, pensa emendar a Natureza e não faz mais do que auxiliá-la; porque o dom maior que nos deu, a inteligência, não é mais do que uma forma da sua propria essência.

“Não poderemos passar um instante sem a admirar; ora olhando a flor de côres brilhantes, cujas pétalas se agrupam uma a uma, com infinita graça, para formar a coróla onde se esconde o germen de futuras vidas; ora vendo pairar

serena e forte, a águia real que abre as suas asas possantes na amplidão do céu.

«Admiramo-la na pequena formiga que tão paciente e laboriosamente leva para a sua casa subterrânea o alimento para todo o inverno, como olhamos com assombro o carvalho grandioso que atira para o ar os seus centenaes de vigorosos braços.

«E, contemplando-a amorosamente, não nos devemos achar pequenos e mesquinhos, mas orgulhar-nos, porque fazemos parte da infinita criação, tanto como o minúsculo insecto ou o sol imenso e radioso que nos aquece e faz surgir por toda a parte a vida e a alegria salutar.

«*Boa mãe*, carinhosa e pródiga, a todos por igual distribui as suas riquezas sem par, não esperando retribuição nem reconhecimento.

«Amando-a, amamo-nos a nós mesmos como devemos amar-nos, orgulhando-nos da única superioridade incontestável do ser humano:— a «Inteligência»!

«Desenvolvendo-a e cultivando-a, cumprimos o nosso dever e mostramo-nos dignos filhos da *boa mãe Natureza*, essa eterna e fiel amiga.

“Eis pois a razão do título, que parece não se ajustar ao livro, mas...

— Mas que é verdadeiro, sim, porque em todo este livro se trata do que realmente devemos à Natureza, essa eterna e fiel amiga.



ÍNDICE

O susto da Rosita.....	7
Livros (poesia).....	31
Após o temporal, a bonança.....	33
A chuva (poesia).....	39
O morcego.....	43
Os cães.....	47
O cão e o coelho (poesia).....	55
As árvores.....	59
A árvorezinha e o menino (diálogo-poesia).....	77
A coruja e o mocho.....	81
A águia e a coruja (poesia).....	89
Os dois caçadores.....	97
O espantalho.....	117
Chegou a primavera.....	127
Primavera (poesia).....	145
Joaninha e outros companheiros.....	149
A Pantera.....	167
A raposa e o galo (poesia).....	173
O cão e o burro (diálogo, em verso).....	177
Um sermão do senhor Cura (diálogo, para representar).....	185
O título do livro.....	197



COLECÇÃO
"PARA AS CRIANÇAS"

PRIMEIRA SÉRIE

Dezoito volumes ilustrados. Cada um por si é uma obra completa

- 1.º vol.—Contos tradicionais Portugueses—contados por Ana de Castro Osorio.
Historia do Carêca, Lição proveitosa, A Bela Felicidade, O Porqueiro, O Coelho Branco, O Principe Bezerra, Branca Flôr, O Corvo, A finura da Raposa, O Homem da Moca.
- 2.º vol.—Contos Maravilhosos—contados por Ana de Castro Osorio.
Historia do Principe Luis, Meio de fazer fortuna, A Paideirinha, Historia do Principe Encantado no Palacio de Ferro no Reino da Escuridão, O Olharapo, Os três desejos, Historia do Principe Urso Doce de Laranja, A Princesa da Austria.
- 3.º vol.—Contos tradicionais Portugueses—contados por Ana de Castro Osorio.
Os dois almocreves, A menina fadada, O carvoeiro, Os meninos da estrela de oiro na testa, O esperto, A mão de finados, A filha do lavrador, O soldado, O leão de oiro, O fiquinho da figueira, Os companheiros felizes, A macaca.
- 4.º vol.—Contos tradicionais Portugueses—contados por Ana de Castro Osorio.
Os sapatinhos de setim, O gosto dos gostos, O sermão da aldeia, História da menina deitada ao mar ou a Maria das Silvas, Os galos, A fortuna do bruto, O bom serviço recompensado, A formiga e a neve, A raposa e o lobo, O Pedro das Malas-Artes, História da princesa adormecida ou das treze fadas.
- 5.º vol.—Alma Infantil—Historias educativas, originaes de Ana de Castro Osorio.
Surpresas do Natal, O Jardim de Jorge, Tristezas de Jorge, Mães, Jeronimo, Ainda o Jeronimo, Sempre o Jeronimo, Companheiros, Como a Isabel, O engeitado.
- 6.º vol.—Contos Maravilhosos—contados por Ana de Castro Osorio.
A menina curiosa ou a luta do bem e do mal, A rainha invejosa, O que é a felicidade, A feia que se faz bonita, O tio Novo, História da Princesa que se perdeu na floresta, Historia do mercador e seus três

filhos, O canudo magico, As três Cidras do Amor, Historia das três meninas da torre.

- 7.º vol.—Contos Maravilhosos—contados por Ana de Castro Osorio.

Historia da Linda a Linda, Historia do Armador, Historia da Machadinha, Principe com orelhas de burro, A Princesa das Pedras lindas, S. Pedro e a ferradura, O casamento do pintainho, Os figos maravilhosos, Os irmãos, O franganito, O soldado jogador.

- 8.º vol.—Contos tradicionais Portugueses—contados por Ana de Castro Osorio.

Historia do papagaio, O real bem ganho, Quem muito fala pouco acerta, O juramento, O medico da Morte, Historia do principe Monstro, Quem tudo quer tudo perde, Conto da galinha a quem caiu na crista um bocadinho de céu velho, Historia do jardineiro e seus três filhos, Conto do bago da romã ou o orgulho castigado.

- 9.º vol.—As Boas Crianças—(Historias educativas) originaes de Ana de Castro Osorio.

A Cigarra e a Formiga, Não saber ler, Os mentirosos, Luís Leopoldina. Dialogo, Saber ler, As boas crianças, Joãozinho, O Alberto, O Chico, A teimosia do empregado, O Joaquim.

- 10.º vol.—Os animais—(Historias educativas) originaes de Ana de Castro Osorio.

Historia de um lobo, Aliança interesseira, A Pantera, O ambicioso, Inveja e avariza, De que serve a esperteza sem a

sabedoria, A Boneca, Historia maravilhosa de um pinheiro ambicioso, Quem faz mal, o mal lhe vem, Os macacos, Mais faz quem quer do que quem pode, Os ratinhos impacientes. Dialogos, O nobre e o plebeu, O melro e o pardal, O cão e o burro, Os escravos te-lizes.

- 11.º v.—Alguns contos de Grimm — (Traduções directas de alemão). Por Afonso Hincker e Ana de Castro Osorio.

O conto do fuso, da lançadeira e da agulha, Os companheiros patuscos, O conto do raizinho da ávesinha e do chouriço, O conto da morte da franga, O lobo e as sete cabritinhas, A gata e o rato em sociedade, Rolando, o noivo esquecido, Os pequenos genios benfazejos, A menina e os sete corvos, Os musicos da cidade de Bremen, O raposo e a senhora comadre, A raposa e o gato, Os diferentes filhos de Eva, A guardadora de patos, A escolha do noiva, O Bate-Sorna, Os três preguiçosos, O velho avô e o neto, O senhor compadre, Orato da dispensa, As três penas, Raponços, As estrelas de prata, As três fiandeiras.

- 12.º vol.—Contos tradicionais Portugueses—contados por Ana de Castro Osorio.

Historia do rei turco, O conto da cabacinha, Historia da menina que deita pedras preciosas dos cabelos, O principe das maçãs de ouro, A fé é que nos salva, O criado Pedro, O principe do Lodo, Historia do senhor Manuel Valente, Os três galegos, A raposa e o sa-

po, *A princesa e o pobre aldeão, O doutor Grilo, A raposa e o gaio, A raposa que foi ao galinheiro, A afilhada de S. Pedro. Os três grãos de milho, O compadre do diabo, O tolo e as moscas, Sumido sejas tu como o vento, Março Março*.

- 13.º vol.—Contos tradicionais Portugueses—contados por Ana de Castro Osorio.

As filhóses da Bruxa, O criado do doutor Magico, Historia do Principe Imaginário, O bolo refochado, As tres ta-ti-bitates, A princesa dos cuidados, A filha do mercador, O rei, o vaqueiro e o toiro Barroso, A flor do Liso-Lar, Longo, Largo e Lince, Historia duma velhinha e do menino bem criado, O carneiro do pobre.

- 14.º vol.—Contos tradicionais Portugueses—contados por Ana de Castro Osorio.

Onde está a morte, A riqueza e a fortuna, O gato e o ratinho, Historia de Roldão, A coruja fiadora, A Princesa infeliz, A princesa carvoeiro. Pato, cabidela e tudo!, O criado infiel, A pastorinha e a moira, Tejo, Douro e Guadiana, A guarda infiel, O casamento e a mortalha no céu se talha.

- 15.º vol.—Historias escolhidas—Traduzidas do alemão e holandês. Por Luisa Ey e Ana de Castro Osorio.

O verme e a borboleta, A te-soura, Um bem fadado, Os três soberanos, Elisinha mandriona, A colher de prata, O aleijadinho, O burro e o lóbo,

Jacobina, O tapete de Deus, Os irmãos bulhentos, O sacco milagroso, Sentir-se preso, O valor do tempo.

- 16.º vol.—Contos e fabulas—em verso. Originais de Paulino de Oliveira.

A águia e a coruja. A chuva, Mãmia, O sol e vento, O diabo enganado pela cmentoeira, O sapateiro Serafim, O moleiro, A raposa e o galo, Para a escola, Os macacos e o tigre, Aos seis anos do Tonéca, Em viagem, Primavera, A esperteza do galego, ou o galego e o ladrão, O veado presumido, O chacal azul, Aproveitai o tempo, Os três principes, As duas, A zorra e os patos.

- 17.º vol.—Teatro infantil. Comedias, dialogos, monologos, e recitativos. De vários autores.

O segredo de Araci, O medo, O Colibri e as flores, Sabedoria do Povo, A árvorezinha e o menino, O menino do chicote, O Senhor sete. Os dois meninos bem educados, Um discurso na Festa da Arvore.

- 18.º vol.—Teatro infantil. Comedias, dialogos, monologos e recitativos. De vários autores.

Uma lição de geografia, O Bêbe, Nos dias dos meus anos, Nos anos da professora, Vale quem tem..., Nem oito nem oitenta, Saudações, Para os pequeninos recitarem, A Comédia da Lili.

CADA VOLUME

Brochado 1\$00
Encadernado . . 1\$50

NOVA SERIE

Edições de luxo e de arte. Contados por Ana de Castro Osorio. Ilustrados por Leal da Camara

JÁ PUBLICADOS :

- 1.º — *A Princesa Muda* — (La Princesa Muda) — Tradução em es-panhol por Carmen do Bur-egos,
- 2.º — *Os dez anõesinhos da tia Ver-de-Agua.*
- 3.º — *Esperteza dum sacristão.*
- 4.º — *Casa de meu pai.*

EM PUBLICAÇÃO :

- 5.º — *A velha e o ladrão.*
- 6.º — *Pobres e ricos.*
- 7.º — *A historia dum macaco.*
- 8.º — *O grande artista.*
- 9.º — *A cadeira de Deus.*

A seguir: (Com ilustrações de Albert Jourdain)

O Homem de Pedra.

O Bicho de sete cabeças.

(Com ilustrações de Mity Pos-
soz, original de Jane Bensaude)

As desgraças duma familia persa.

CADA VOLUME

Avulso 2\$00
Por assinatura 1\$60

Grande colecção de contos avulsos
Preço 2\$00

Leitura para os Novos

A Minha Pátria — Magnifico vo-lume de 400 paginas, ilustrado e en-cadernado luxuosamente. Aprovado oficialmente para premios... 3\$00

Uma Lição da Historia — Bela edição ilustrada e encadernada. Apro-vada oficialmente em Portugal e Mi-nas Gerais para premios... 1\$00

Fábulas de Bocage — Ilustradas por Julião Machado, cart... 2\$00

De como Portugal foi chama-do à guerra — O melhor livro para leitura cívica, contendo a historia da nossa aliança com a Inglaterra, e apresentando a verdade que nos obri-gou a cumprir a nossa alta missão patriótica. 2.ª edição recomendada oficialmente para a 4.ª classe das Es-colas Primarias

Brochado 5\$0

Cartonado 5\$60

Jornal dos Pequenininos — (A colecção completa, br. 5\$0

Hinos à Arvore — Letra de Pauli-no de Oliveira, musica de Tomás Borba 3\$0

Hinos à Bandeira — Letra de Pau-lino de Oliveira, musica de Elmana Trigo de Brito 3\$0

TEATRO AVULSO

Bem Prega Frei Tomás 4\$0

Lição Moral 2\$00

Aprovados para leitura nas Escolas Primarias de Portugal

O Livrinho encantador — Li-vro de leitura, para a 2.ª classe. Ori-ginal de Ana de Castro Osorio, ilus-trações de Leal da Camara.

Os Nossos Amigos — 2.ª edi-ção especial para leitura da 3.ª classe da Escola Primaria, original Ana de Castro Osorio, ilustrado.

Lendo e Aprendendo — 2.^a edição especial para leitura da 4.^a classe da Escola Primaria, original de Ana de Castro Osorio, ilustrações de Alfredo Moraes.

Viagens Maravilhosas de Fe-

licio e Felizarda. Ao norte e ao sul, 1.^a viagem ao Polo Norte. 2.^a ao Brasil—Livro admiravel para leitura da 5.^a classe, illustrado—Original de Ana de Castro Osorio.

À venda em todas as livrarias do país

PEDIDOS ESPECIAIS À

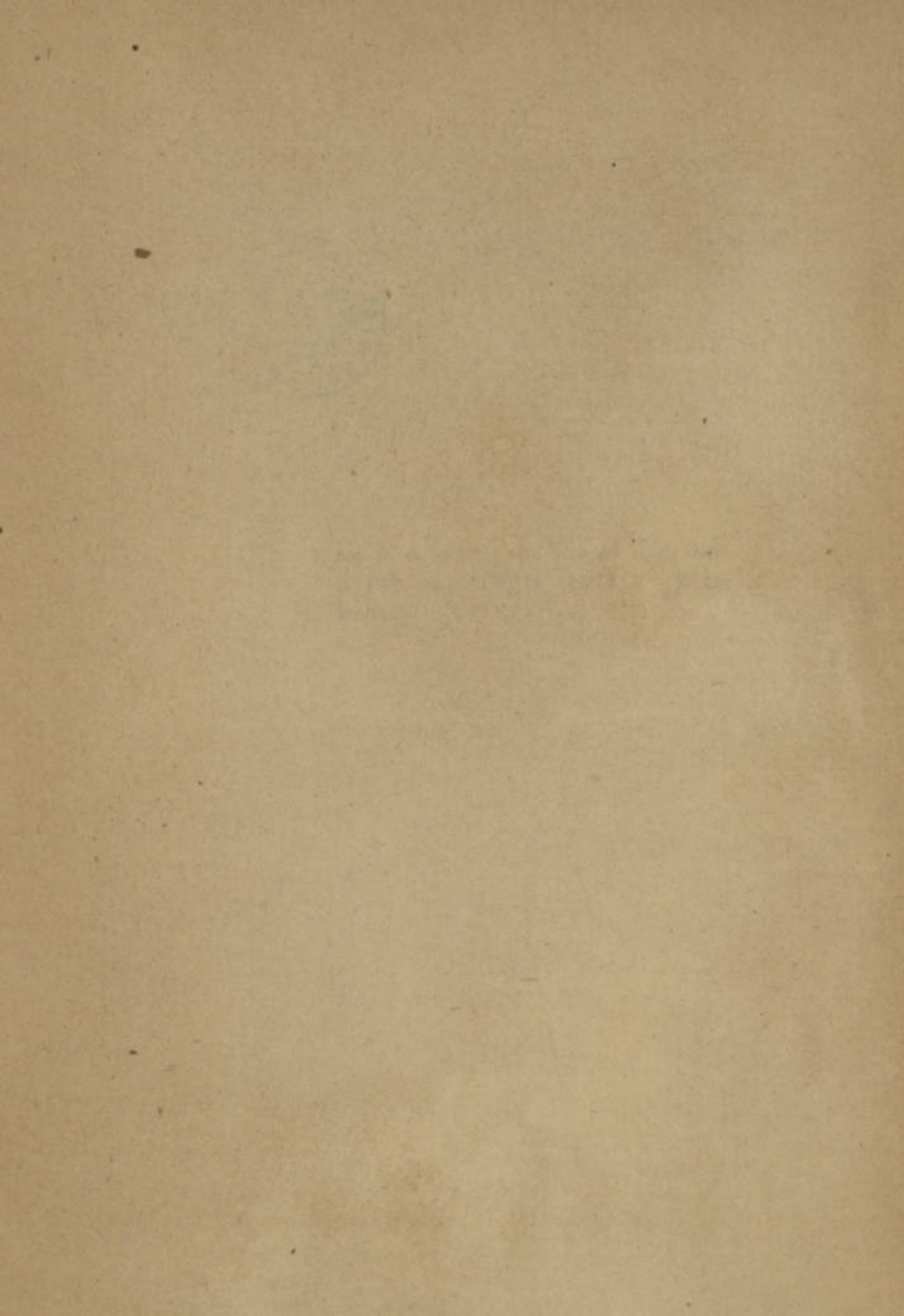
Lusitania Editora, Limitada

ARCO DO LIMOEIRO, 17-1.^o

— LISBOA —



Acabou de se imprimir este livro aos 18 de Abril
de 1922, na TIPOGRAFIA LUSITANIA — R. do
Seculo, 50 — LISBOA





NB



EFG0000308301

13